

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

LÍVIA BATISTA MAGALHÃES

Sibita:

fanzine como ensino do fazer jornalístico

SÃO PAULO

2024

LÍVIA BATISTA MAGALHÃES

Sibita:

fanzine como ensino do fazer jornalístico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito para obtenção de título de Bacharel em
Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo (ECA-USP)

Orientador: Prof. Dr. Atílio José Avancini

SÃO PAULO

2024

Em homenagem aos que escolheram a sala de aula.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	p. 05
Resumo.....	p. 07
Introdução.....	p. 08
Capítulo I: O fanzine como ferramenta jornalística	
I. 1 Fanzine para o ensino do jornalismo.....	p. 12
I. 2 Fanzine para o jornalismo emancipatório.....	p. 15
Capítulo II: Uma análise do <i>Sibita 0</i>.....	p. 20
Capítulo III: Entrevista com Yara Medeiros.....	p. 37
Considerações finais.....	p. 57
Referências bibliográficas.....	p. 60

AGRADECIMENTOS

Agradeço meus amigos que fizeram a cidade. Tantos e sempre presentes, cito em especial Amanda, Isa, Júnior, Sarah, Jaqueline, Rebeca, Thamy, Giovanna, Pedro e Belinha. Também não posso deixar de mencionar minhas amigas mais antigas, e que levo para a vida, Lara e Luana.

Minha família sempre será minha casa, e agradeço minhas avós Fátima e Tania, meus avôs Airton e Adalberto, minha madrinha Claudinha, meu tio Fabinho e minha madrasta Camilinha.

Sem minha tia Silvia, São Paulo seria mais cinzenta. Obrigada por me tomar como filha e me dar todas as ferramentas para viver esses anos paulistas com segurança, conforto e apoio. Agradeço também a Bia, Cacá, Nini e Ronaldo por me acolherem (ainda mais) na família, e à minha base em Ribeirão Preto: tia Má, tio Má, Maria Clara e Maria Luiza.

Agradeço meu orientador, o professor Atílio Avancini, que a cada encontro, mensagem ou e-mail, me tranquilizava e inspirava. O professor é um mentor desde minha época de presidência na *Jornalismo Júnior*, tendo sido fundamental para a sobrevivência da empresa júnior durante o distanciamento social. Desde então, já sabia que não haveria escolha melhor para me guiar neste final de curso. É uma honra e uma felicidade ter o senhor como orientador.

Obrigada à professora Yara Medeiros, que tão entusiasmadamente me atendeu, mais de uma vez, com dúvidas sobre o lindo trabalho feito no *Sibita*, e me enviou todas as oito edições do zine para que eu pudesse apreciá-las e sentir o “amor tátil”. Sua escolha pela sala de aula e preocupação com o aprendizado dos estudantes é uma das coisas que mais me inspira, e que felizmente me é familiar.

Acima de tudo, agradeço meus pais, Adalberto e Flávia, professores de sala de aula e de vida. Sem vocês, falo sem hesitar (apesar de seus protestos), eu não seria ninguém. O maior elogio, e que felizmente escuto direto, é quando dizem ver vocês em meu rosto, trejeitos, caminhar. Levo vocês assim, tão perceptivelmente, em cada lugar que eu vou. Graças a vocês, são muitos.

O amor nunca foi um movimento popular, e ninguém jamais quis realmente ser livre. O mundo está unido, realmente está unido, pelo amor e a paixão de poucas pessoas.

James Baldwin

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo realizar um estudo de caso do fanzine *Sibita*, um projeto de extensão voluntário idealizado pela Profa. Dra. Yara Medeiros e produzido por estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, no campus Imperatriz. A pesquisa relaciona a produção da revista impressa no contexto pedagógico à prática do jornalismo emancipatório e faz uma análise da primeira edição do fanzine, o *Sibita 0*, além de trazer uma entrevista com a professora responsável pelo projeto acerca da idealização e do crescimento do *Sibita*.

Palavras-chave: comunicação social; pedagogia; jornalismo emancipatório; jornalismo alternativo; fanzine; impresso.

ABSTRACT

This present work aims to conduct a case study of the fanzine *Sibita*, a voluntary extension project designed by PhD professor Yara Medeiros and made by Journalism students at Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. To achieve this, the study links the production of the artisanal magazine in a pedagogical context to the practice of an emancipatory journalism, and does an analysis of the fanzine's first edition, *Sibita 0*. In addition, there's an interview with professor Medeiros regarding the idealization and growth of *Sibita*.

Keywords: fanzine; pedagogy; emancipatory journalism; alternative journalism; print.

INTRODUÇÃO

Graduar-se pela Universidade de São Paulo (USP) é uma experiência formativa não apenas pelos motivos educativos que se espera. Ao ocupar o espaço mundialmente reconhecido pela sua excelência acadêmica, o sonho do vestibulando revela-se mais complexo do que as expectativas, entretanto, as lacunas educacionais percebidas mostram a importância da reivindicação e mobilização estudantil e docente.

No ano de escrita desta monografia, 2024, o curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP contava com um total de cinco experiências de redação laboratorial, entre jornais, agência de notícia e revistas. Alguns deles, como o *Jornal do Campus (JC)*, são mídias essencialmente impressas. Embora o *JC* tenha passado o período da pandemia de Covid-19 disponível apenas no formato digital, a disciplina busca familiarizar o estudante com todas as etapas da produção jornalística, da reunião de pauta à distribuição do jornal pela Cidade Universitária.

Mesmo com essa experiência, os alunos ainda anseiam por mais mídias impressas. A diminuição da frequência do ciclo jornalístico nos jornais laboratórios do curso¹, em parte decorrente da proliferação do jornalismo digital e com o agravante do período de isolamento social em 2020 e 2021, traz uma perda pedagógica inevitável. A maioria dos estudantes ingressos em 2020, como a autora desta monografia², entrou no terceiro ano de faculdade sem ter visto seu nome assinar uma matéria impressa — situação que acompanha os profissionais em formação no mercado de trabalho.

No segundo semestre de 2023, uma experiência laboratorial em particular exemplificou esse desejo discente pelo impresso. A revista *Babel*, produção laboratorial de alunos do 4º ano de Jornalismo da ECA-USP, foi impressa, 17 anos depois da última impressão da revista, em 2007³. Fruto de uma iniciativa e demanda insistente por parte dos alunos e do docente responsável, a reivindicação não foi atendida no semestre seguinte, apesar da alta qualidade do

¹ Em 2008, o *Jornal do Campus* era publicado quinzenalmente; já em 2024, observa-se uma média de 3 publicações semestrais.

² Há uma exceção: minha turma fez uma edição impressa do jornal comunitário *Notícias do Jardim São Remo* durante a pandemia. Porém, como eu estava na minha cidade natal e não em São Paulo, por conta da quarentena, não cheguei a participar do fechamento presencial nem de fato vê-lo impresso.

³ UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. “Revista Babel impressa renasce 17 anos depois”, 2024.

trabalho⁴. A turma fez uma vaquinha para imprimir alguns poucos exemplares, que guardaram de portfólio e recordação.

A justificativa desta pesquisa é de que a predominância do jornalismo digital em detrimento do impresso põe o conhecimento do produto jornalístico global em cheque. O jornalista recém-formado pode sair da universidade sem ter conhecimentos sobre projeto gráfico, diagramação e distribuição, por exemplo, caso uma experiência impressa não tenha sido garantida pela instituição. Segundo Caldas (2002, p. 17) também se reserva ao jornalismo impresso uma “voz” mais interpretativa, analítica e literária que é benéfica para aprender a escrever um bom texto jornalístico, enquanto na internet predominam informações rápidas e específicas que têm que competir com vários outros estímulos digitais. No caso da Universidade de São Paulo, os alunos ainda têm a sorte de usufruir de algumas experiências de jornal impresso.

Ter essa sensação ao falar da “melhor da América Latina” (G1, 2024), avaliação de mérito que orgulha todos os que fazem parte da Universidade de São Paulo, abre margem para o questionamento de como estão outros espaços acadêmicos. No caso do campus de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), os alunos não têm nenhuma experiência de jornalismo impresso garantida pela instituição. Até existe uma disciplina na grade curricular chamada “Laboratório de impresso” — em conjunto com as matérias “Fotojornalismo” e “Planejamento Gráfico”⁵ — na qual os alunos ficam responsáveis pelo *Arrocha*, jornal laboratório do curso e principal referência de jornalismo regional da cidade. Porém, por falta de recursos, apenas as três primeiras edições foram impressas (MEDEIROS, 2016, p.3).

Diante dessa situação, a Profa. Dra. Yara Medeiros, docente do curso de Jornalismo na área de Imagem e Estética, coordenou um projeto de extensão totalmente voluntário e facultativo, na qual os estudantes eram estimulados a produzir um fanzine sobre a cultura da cidade. A escolha pelo nome *Sibita*, regionalismo nordestino para designar uma pessoa muito magra, foi certa: além de estar alinhado à cultura local, o formato adotado de um A4 dobrado na vertical resultou em uma forma comprida e fina (MEDEIROS, 2016, p.6), uma verdadeira

⁴ A edição da revista *Babel: Pontos que unem* foi tema de um episódio de *podcast* produzido pelo veículo institucional Jornal da USP (BRASIL LATINO – USP. Brasil Latino: Revista Babel traz olhar decolonial da notícia, 2024) e recebeu uma menção honrosa durante o 23º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo, promovido pela ABEJ (Associação Brasileira de Ensino do Jornalismo) (“Enejor reforça importância do diploma no combate à desinformação”, 2024).

⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO — Campus Imperatriz. Grade curricular do curso de Bacharelado em Jornalismo, 2024.

sibita. Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo fazer uma análise do fanzine *Sibita* número 0, sob o viés do ensino de uma prática jornalística emancipatória.

A experiência de fazer um fanzine não simula uma redação contemporânea. Neste sentido, ela não almeja equipar o jovem jornalista com todas as ferramentas para sobreviver ao mercado de trabalho, que segue uma lógica jornalística mercantil; apesar de familiarizar o estudante com a noção de projeto editorial, reuniões de pauta, e processos de apuração, escrita e diagramação. A experiência proposta por Medeiros (2016, p.4) é antes de tudo pedagógica, e almeja um corpo editorial colaborativo.

Este Trabalho de Conclusão de Curso será desenvolvido em três partes. A instrumentalização do fanzine *Sibita* para expandir o aprendizado da práxis jornalística e a reflexão sobre o ofício será abordado no Capítulo 1 desta monografia, guiado pelo pensamento de Paulo Freire, que pensa na educação como ação cultural libertadora e cuja grande inovação está na ideia de que processos emancipatórios são construídos coletivamente. As ideias de Paulo Freire serão utilizadas nesta pesquisa a partir da ligação ao jornalismo na interpretação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira (CJE-ECA/USP).

O Capítulo 2 fará uma análise visual e de conteúdo da edição zero do *Sibita*. Observa-se a presença ou ausência de seções tradicionais do jornalismo, como editorial, expediente e editoriais fixas; e aborda-se conceitos do jornalismo e de valores-notícia segundo Traquina (2005), focando o valor-notícia de proximidade. Em relação ao design do fanzine, foca-se a descrição e análise cultural das linguagens verbal e não verbal utilizadas, de acordo com as premissas do método de Irwin Panofsky (AVANCINI, 2011, p.54). Por fim, observa-se o *Sibita* 0 como uma semente jornalística e cultural do qual um sem-número de possibilidades brotam e reverberam de diferentes maneiras.

Já o Capítulo 3 trará uma entrevista pingue-pongue com Yara Medeiros, que discorre sobre a idealização do projeto como uma experiência pedagógica e como as capacidades do *Sibita* se manifestaram em outras frentes. Em 2024, o projeto contava com portal *online*, *podcast*, *merchandising* e até bloquinho de Carnaval⁶.

⁶ O Carnaval do *Sibita* foi uma iniciativa dos alunos (a profa. coordenadora estava viajando na época) em que pelo menos 25 pessoas desfilaram no concurso de blocos de Imperatriz, vestindo fantasias com detalhes em papel, homenageando a natureza do fanzine. Já o *merchandising* do *Sibita* é vendido nos brechós do *Sibita*, em que o grupo busca angariar fundos para cobrir os custos de reprodução do projeto.

Após ler o *Sibita*, a sensação é de conhecer Imperatriz. A segunda maior cidade do Maranhão que em 2022 contava com 273.110 habitantes⁷, alguns dos quais passamos a conhecer por nome: o Sr. Ambrósio, dono de bar e metido a boticário, ou o Seu Sebastião da Voz, radialista comunitário cego de nascença. Personagens do zine feito por e para os imperatrizenses, a partir de uma vontade de falar do que se passa por aqui (Sibita 0, 2014, p.1).

Quando uma edição do fanzine *Sibita* é lançado, costuma-se dizer que ele vai voar. Vamos, adiante, ao voo de *Sibita*, uma viagem por Imperatriz.

⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Panorama do município de Imperatriz – MA, 2024.

I. O FANZINE COMO FERRAMENTA JORNALÍSTICA

I.1 FANZINE PARA O ENSINO DO JORNALISMO

De acordo com Magalhães (2020, p.48), pioneiro nos estudos sobre fanzine no Brasil, o termo fanzine é um neologismo formado pela contração das palavras em inglês *fanatic* (fanático) e *magazine* (revista), já sugerindo que fanzines (também referidos pela abreviação “zine”⁸) são revistas feitas por fãs ferrenhos de determinado assunto.

Essas revistas amadoras surgiram nos Estados Unidos da América no final da década de 1920 divulgando histórias de ficção científica, e se espalharam pelo Brasil e pelo restante do mundo na década de 1960 (2020, p.5). Podemos definir fanzine como

Publicação independente e amadora, quase sempre de pequena tiragem, impressa em mimeógrafo, fotocopadora, impressora laser ou mesmo em offset. Para sua edição, conta-se com fãs individuais, grupos, associações ou fãs-clubes de determinada arte, personagem, personalidade, *hobby* ou gênero de expressão artística, para um público dirigido, podendo abordar um único tema ou vários. (MAGALHÃES, 2020, p.48)

Embora os zines tenham começado por uma iniciativa de fãs de ficção científica, a gama de assuntos abordados logo alargou, e “no Brasil, sua abrangência vai das ideias anarquistas à ecologia, do rock nacional aos estúdios de quadrinhos Marvel e DC” (2020, p.56). Para fazer um fanzine, basta o editor ou grupo contar com o entusiasmo de quem se autoproduz (2020, p.21) para querer compartilhar suas ideias, já que a publicação não tem fins lucrativos (2020, p.6) e o custo de produção é baixo (2020, p.122).

Por causa desse potencial de desenvolvimento criativo e de exercício da liberdade de expressão sobre os mais diferentes assuntos, os fanzines foram apropriados

nos fazeres pedagógicos de professores de diferentes graduações do ensino para dinamizar as aulas. Boa parte das pesquisas e trabalhos sobre fanzines vem da área de Educação. É um formato democrático, de fácil produção que possibilita o trabalho com textos, imagens e o imaginário dos alunos. “O fanzine agrega, envolve pela simplicidade, pelo rompimento da relação burocrática entre o estudante e o papel, entre o produtor e suas expressões” (apud CAMPOS, 2009. p.7). Das séries iniciais à universidade, os fanzines se fazem presentes. “É um estímulo ao uso da criatividade e do caráter de produção autônoma e vem a ser não só um ‘coringa’ na sala de aula, mas uma forma de trabalhar qualquer disciplina de forma reflexiva, consciente e divertida” (MEDEIROS, 2016, p.2 apud CAMPOS, 2009. p.7).

⁸ De acordo com Medeiros, “muitos zineiros preferem chamar de zine ao invés de fanzine, pois atualmente as publicações versam sobre temas diversos não relacionados a cultura de fã” (2016, p.7).

No jornalismo, encontra-se uma área especialmente adequada para o uso pedagógico de fanzines, já que muitas das suas características convergem com aspirações do jornalismo. É possível traçar esses pontos de encontro a partir do fanzine *Sibita*, que teve seu início como um projeto de extensão do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, no campus de Imperatriz, coordenado pela profa. Dra. Yara Medeiros.

No artigo publicado na Intercom “Fanzine como extensão no ensino de jornalismo: o voo do Sibita” (2016), Medeiros relata a experiência de propor aos estudantes da UFMA a produção de um fanzine sobre a cultura da cidade, de forma voluntária e sem vínculo de avaliação por nota, no qual “o envolvimento se dá pelo apego e orgulho da produção e participação em um projeto alternativo” (2016, p.14), como é de costume quando se trata de fanzines.

A proposta surgiu de uma carência sentida tanto por Medeiros quanto pelos alunos: por falta de recursos, o curso de Jornalismo da UFMA não conta com nenhuma produção impressa que chegue às mãos dos alunos e da comunidade. Os alunos são responsáveis pelo *Arrocha*, maior referência de jornal regional de Imperatriz, que noticia os acontecimentos da cidade com um enfoque humanístico e é diagramado como se fosse para a impressão, mas fica apenas disponibilizado online na plataforma Issu⁹ (2016, p.3), onde pode ser “folheado” digitalmente. A questão torna-se grave societariamente ao considerar que em 2019 o Maranhão era o segundo estado brasileiro com pior percentual de domicílios plenamente conectados à internet (G1, 2021), tornando a mídia impressa um pilar necessário para o acesso pleno à informação. O baixo custo de produção torna o fanzine um caminho de aprendizado possível, além de possibilitar um jornalismo pensado para a cidade.

Os paralelos entre o fanzine e o jornalismo são tantos que a grande imprensa considera fanzines “jornais amadores” (MAGALHÃES, 2020, p.49). O fanzine “prioriza a informação, a crítica e a reflexão tendo como base o texto” (2020, p.6), aos moldes do jornalismo impresso da atualidade, em que, na era da internet, “a interpretação vai assumindo o papel principal, uma vez que a notícia seca, rápida, o flash, vem pelo rádio, pelas chamadas urgentes da TV e pela Internet” (CALLADO, 2002, p.49). As notícias que saem em veículos impressos dificilmente contêm furos, estes já foram dados na véspera e viralizaram nas redes sociais.

⁹ Disponível em: <http://www.imperatriznoticias.com.br/category/s23-institucional/jornal-arrocha/>

Além disso, os fanzines têm como matéria-prima “a informação enquanto artigo, entrevista, notícia ou matéria jornalística” (MAGALHÃES, 2020, p.54), simulando gêneros jornalísticos; e ambos compartilham de um caráter efêmero (2020, p.6).

O trabalho em equipe, a materialização da publicação passo-a-passo e, no caso deste projeto, outro princípio desenvolvido é o da responsabilidade do fechamento. Com a proximidade do lançamento, que inclui divulgação, confraternização, convidados, a pressão do *deadline* é vivenciada. Condição pela qual todo jornalista será submetido em sua vida profissional. (MEDEIROS, 2016, p.12)

A confecção coletiva de um fanzine coloca o estudante em contato com todas as etapas da produção jornalística, simulando uma redação que, para Caldas, não existe na contemporaneidade, na qual “as matérias eram lidas, avaliadas e discutidas entre eles [os repórteres] e com as chefias, dando ao trabalho uma característica solidária e coletiva” (2002, p.19). A inexistência deste ambiente colaborativo, aliado a especialização do trabalho, ao invés de levar a uma interdependência, provoca o enfraquecimento da consciência coletiva. Essa situação isola os indivíduos, que não se reconhecem como parte integrante do todo, e pode levá-los à anomia (FERREIRA, 2001, p.102 *apud* DURKHEIM). No jornalismo, pode-se observar essa tendência a partir da modernização e dos avanços tecnológicos, em que “o contingente profissional foi drasticamente reduzido, as responsabilidades individuais ficaram maiores e o trabalho aumentou. As tarefas tornaram-se mais solitárias e técnicas” (CALDAS, 2002, p.33). Para ir contra tendências individualistas, na produção do *Sibita*, “a escolha dos conteúdos também é participativa, simula-se uma reunião de pauta e todos colaboram com ideias e fontes. Não há repórter exclusivo de editoria” (MEDEIROS, 2016, p.6).

Além de escreverem as matérias, os repórteres (chamados no *Sibita* de “zineiros”) também diagramam suas matérias numa “montagem em estilo de *paste-up*¹⁰”, colocando os estudantes em contato com o produto jornalístico global, que possibilita uma construção de sentido contrária à anomia.

Para o ensino, o registro material editado e tratado como publicação é essencial à vivência acadêmica em jornalismo. Como lembra uma famosa expressão da profissão, “o impresso é pai de todos”. O fanzine em papel é um testemunho registrado por meio de um processo que entalha artesanalmente, com o corte e cola, os textos e os detalhes visuais. Para o aprendizado de jovens repórteres, é um formato que figura como uma oportunidade de conhecer e participar de todas as etapas de produção de uma publicação que incluem sua linha editorial, produção e edição de textos e imagens,

¹⁰ Corte e cola para fazer a colagem, que é reproduzida pelo processo de fotocomposição (MEDEIROS, 2016, p.6)

revisão, reprodução, distribuição e avaliação da resposta do público. (MEDEIROS, 2016, p.4)

Medeiros entra em mais detalhes sobre o ciclo produtivo do *Sibita*:

É realizado em aproximadamente dois meses. No primeiro encontro da edição a ser elaborada são discutidas e divididas as pautas e é marcada a data de lançamento. O prazo para entrega da primeira versão do texto acontece, em média, três semanas antes do deadline. A coordenadora avalia o material e, a partir disso, agenda reuniões semanais de produção até o fechamento. Nesse encontros, a coordenadora corrige os textos e discute o visual das páginas. O grupo ainda prepara o roteiro e a logística do evento cultural de lançamento dividindo-se as responsabilidades. Depois das páginas prontas é realizada uma revisão geral e de texto do boneco. A reprodução deve ser realizada quatro dias antes do lançamento para haver tempo hábil para reprodução e encadernação. Após o evento de lançamento, é realizada uma reunião de avaliação e distribuição dos exemplares dos autores, assim como as discussões das primeiras ideias para o próximo número. A periodicidade é livre, acompanha o período letivo, sendo que pelo menos uma edição deve ser produzida no semestre. (2016, p.9)

Todo esse processo, apesar de trabalhoso e possivelmente desgastante, traz uma gratificação enfatizada por profissionais da carreira, “não só pela sua responsabilidade social sempre enfatizada, como pelas relações que ela [a profissão] possibilita” (TRAVANCAS, 1993, p.83), além de provocar um “envolvimento afetivo e emocionado [com a profissão], carregado de paixão” (1993, p.84). No *Sibita*, as relações e o envolvimento afetivo são coroados “com um lançamento público e a venda dos exemplares, condição catalizadora de responsabilidade com a qualidade do produto” (MEDEIROS, 2016, p.4), e periodicamente é organizado o Espaço do *Sibita*, em que a profa. Coordenadora e os zineiros expõem tudo que já foi produzido durante o projeto, muitas vezes em espaços públicos, como praças de Imperatriz, provocando um diálogo com o público leitor e divulgando o fanzine.

A responsabilidade com o jornalismo e, mais especificamente, com um jornalismo emancipatório, será abordada no tópico a seguir.

I.2 FANZINE PARA O JORNALISMO EMANCIPATÓRIO

Como mencionado anteriormente, o *Sibita* nasceu de uma falta sentida tanto pelo corpo docente quanto discente de produções jornalísticas impressas. Porém, essa carência não se limita apenas à forma, mas se estende ao conteúdo. Em Imperatriz,

O mercado do jornalismo em meios digitais é ainda incipiente, assim como o de impressos. Os principais meios de comunicação são o rádio e a televisão, que destinam-se ao noticiário. Os impressos produzem pouco conteúdo próprio e publicam

preferencialmente *releases* de assessorias e de teor político. No campo das revistas, o ponto vista é o hegemônico, com pautas voltadas ao consumo, bens e serviços e colunismo social. (MEDEIROS, 2016, p.3)

Nessa lógica jornalística mercantil há uma transfiguração da figura de cidadão para o de consumidor (OLIVEIRA, 2020, p.127) que segue uma tendência de transformação do interesse público, no sentido de relevância pública que deve orientar a prática jornalística, em interesse *do* público, legitimado pela curiosidade e preferências pessoais (OLIVEIRA, 2017, p.209). Entregando-se passivamente aos interesses mercadológicos, a ideia do jornalista idealista e com um compromisso social, que encanta e atrai tantos jovens à profissão (TRAVANCAS, 1993), cai por terra.

Como no jornalismo contemporâneo predominam as grandes corporações privadas, os fluxos comunicativos são em parte gerenciados de acordo com o interesse mercadológico (OLIVEIRA, 2020, p.127) e o jornalista também pode se deparar com censura interna (TRAVANCAS, 1993, p.87) ao tentar emplacar pautas mais engajadas em grandes empresas. Segundo Oliveira, o jornalismo emancipatório é uma prática que pode solucionar a crise da profissão¹¹ baseando-se em teorias freirianas e decoloniais (OLIVEIRA, 2020, p.122) e sendo necessariamente posicionado. Justamente por isso, “práticas de jornalismo emancipatório nas mídias hegemônicas serão sempre de caráter ‘episódico’, pois contrastam com os objetivos ideológicos do veículo” (OLIVEIRA, 2017, p.233). Assim, o interesse do público passa a ser um dos critérios para a construção do conteúdo jornalístico porque ele é mais rentável.

Ao propor a criação de um fanzine, Medeiros intenciona pedagogicamente uma alternativa ao jornalismo guiado por interesses mercadológicos. Fanzines são publicações que não almejam retorno financeiro e, por causa disso, são livres de qualquer censura¹², e os “autores divulgam o que querem, pois não estão preocupados com grandes tiragens nem com lucro; portanto sem as amarras do mercado editorial e de vendas crescentes” (MAGALHÃES, 2020, p.49 *apud* SANTORO, 1986). O *Sibita 0*, primeira edição do zine e que será analisado no Capítulo 2, por exemplo, foi vendido por apenas R\$ 1,00 para cobrir os

¹¹ Oliveira aponta uma crise no jornalismo, decorrente do “esgotamento das possibilidades civilizatórias do capitalismo e, principalmente, o esgotamento do modelo dos arranjos institucionais liberais”. A consequência é a transfiguração da sociedade em mercado, pautando o jornalismo e a construção de notícias a partir de uma lógica mercantil (2020, p.123, 127).

¹² “No Projeto Zine Experiência, por se tratar de uma iniciativa para estudantes de jornalismo, a liberdade de criação é preservada, porém o estudante segue regras do fazer jornalístico respeitando a linha editorial e as orientações da editora, no caso a professora coordenadora” (MEDEIROS, 2016, p.5). Vale ressaltar que na análise de conteúdo do Capítulo 2 e na entrevista com Medeiros no Capítulo III, a linha editorial do *Sibita* será explorada.

custos de produção (MEDEIROS, 2016, p.7). Em uma situação posterior, no *Sibita 7*, o fanzine foi distribuído gratuitamente. À ocasião do 18º Salão do Livro de Imperatriz (Salimp), Medeiros foi contratada para ministrar uma oficina de fanzines, na qual o grupo produziu esta edição do *Sibita* durante os dias do evento. A professora utilizou o seu pagamento pela oficina para custear a produção do zine.

A ausência de fins lucrativos possibilita uma liberdade editorial impensável em veículos midiáticos hegemônicos, e é característico de zines cobrir uma “cena cultural que a grande mídia não enxerga” (MEDEIROS, 2016, p.3 *apud* GRÃO, 2012, p.56). É o que acontece no caso do *Sibita*, tendo em vista o “cenário deficiente de publicações que abordem os aspectos culturais locais” na cidade de Imperatriz (MEDEIROS, 2016, p.3).

Nas teorias de comunicação de massa apresentadas por Ferreira, o autor define o *agenda setting* como uma abordagem na qual “os indivíduos adquirem sua visão de mundo proveniente da agenda estipulada, ao longo do tempo, pelos *mass media*” (2001, p.112). Para reforçar esse agendamento, conta-se com a espiral do silêncio, que “massifica pelo enclausuramento dos indivíduos no silêncio, quando estes têm opiniões diferentes destas veiculadas pelo *mass media*” (2001, p.111). Tem-se aí o que “a grande mídia não enxerga”, deliberadamente.

A ideia de espiral do silêncio, que busca calar os que pautam além do agendamento midiático, converge com a cultura do silêncio apresentada por Paulo Freire, que consiste no mutismo das classes subalternas que estão à margem do sistema capitalista nos processos pedagógicos (OLIVEIRA, 2020, p.124). Transpondo esse conceito para o jornalismo, Oliveira defende que o “silenciamento de determinadas vozes e a invisibilização de determinadas agendas configura-se num jornalismo da cultura do silêncio” (2020, p.131).

Na agenda cultural, o mutismo também é observado geograficamente, considerando a concentração da indústria no Rio de Janeiro e em São Paulo, e o descaso em específico pela região Nordeste. Isso dificulta a veiculação de expressões culturais regionais (MEDEIROS, 2016, p.3 *apud* MAGALHÃES, 2003, p. 2), demonstrado na prática pelo “cenário deficiente de publicações que abordem os aspectos culturais locais” em Imperatriz. Por não estar pautado, menos se fala e ainda menos se celebra. Ao adotar uma linha editorial que reflete a identidade cultural local, evidente desde o nome do fanzine, um regionalismo nordestino, o *Sibita* pratica um jornalismo emancipatório e engajado que quebra com o silenciamento, e por isso mesmo encontra seu público (2016, p.9). Para nós, o que interessa no jornalismo contemporâneo é que

partir desse lugar de ação dos oprimidos, dos silenciados, que Freire propõe, pode-se ajudar a recuperar um jornalismo em crise (OLIVEIRA, 2017, p.216), além de dar voz a pessoas e assuntos invisibilizados.

Uma prática jornalística emancipatória tem uma posição explícita: ser contra as estruturas institucionais e não institucionais de opressão. Mas não se trata apenas de um jornalismo de denúncia, pois procura registrar como os seres humanos submetidos a este processo de opressão atuam em fenômenos singulares.

Por isto, é uma prática jornalística que constrói um olhar crítico de *personagens, cotidiano e ambiente* buscando deslocá-los da sua funcionalidade e reposicioná-los dentro de uma perspectiva estrutural (OLIVEIRA, 2017, p.231-232)

A maioria das pautas do *Sibita* são curtas, leves e focam mais no aspecto do olhar crítico de personagens, cotidiano e ambiente enfatizados na passagem, atuando de forma emancipatória ao noticiar uma cultura silenciada. Porém, surgem algumas pautas de denúncia dignas de nota ao longo das edições.

Há o espaço para a crítica ambiental e social buscando desenvolver o olhar do repórter para problemas que afligem a população imperatrizense. Já foram abordados impactos de hidrelétricas no rio Tocantins, falta de transporte público, poluição dos córregos, arborização urbana, descaso com crianças e adolescentes de rua usuários de drogas e o caótico trânsito da cidade (MEDEIROS, 2016, p.13)

Traremos agora dois exemplos mais detalhados de pautas engajadas de denúncia. No *Sibita 2*, “Nosso Pixote” à primeira vista mais lembra uma crônica, possivelmente fictícia. As autoras, Kelly Saraiva e Lanna Luiza, optaram pela linha fina “Mudar o foco e algumas perspectivas é preciso! Já parou para pensar o que leva crianças e jovens a viver na rua?” e perfilam um garoto anônimo de 14 anos que mora na rua, fugindo.

Da escola foi expulso, dos pais ele prefere distância. O olhar de criança não combina com as condições do menino que até queria um afago, mas se tornou invisível.

E o futuro? Disso, ele não espera muita coisa. No máximo o seu retrato com uma tarja nos olhos, uma legenda e as iniciais nas capas dos jornais. Talvez assim, ele se torne visível aos olhos da sociedade. (LUIZA, SARAIVA, 2015, p.18)

Medeiros¹³, contudo, esclarece que houve uma fonte entrevistada, um garoto de 14 anos que sumiu, mas que o *Sibita* optou por manter a identidade em segredo, tratando-se de uma criança. Saraiva e Luiza parecem almejar uma transformação, “mudar o foco e algumas

¹³ Ver entrevista no Capítulo III.

perspectivas” de leitores, e o fazem além do limitante espacial do zine, fechando a matéria com uma lista de “alguns filmes altera-transformadores de visão” sobre crianças e jovens que moram na rua.

Já em “Bacuri, o riacho que agoniza”, veiculado no *Sibita 3* (2016, p.20), o zineiro José Carlos Almeida traz a realidade do riacho Bacuri, “hoje um esgoto”, e posiciona-se logo no abre da matéria.

A água que era linda morre, o peixe some, as árvores sofrem, as plantas não nascem e a população é quem sofre. Quando chove, a vingança da natureza se expõe, casas somem, e como um ato político, tudo que está pelo caminho é arrastado. (ALMEIDA, 2016, p.20).

“Eu sou uma das que ajudou a poluir o riacho inconscientemente”, uma moradora das margens do riacho assume ao repórter, “naquele tempo, as pessoas ajudaram a poluir o riacho, mas o prefeito Ribamar Fiquene deu toda estrutura para essa poluição”.

A matéria termina, como de praxe no *Sibita*, de olhar esperançoso para o futuro, com uma fala da fonte: “Acredito em um projeto discutido com a população. Eu tenho o sonho de ver o riacho todo arborizado e cuidado”.

Em corroboração com as ideias freirianas para uma prática jornalística emancipatória, Medeiros cita ainda Paulo Freire como uma referência pedagógica do projeto (2016, p.6) ao assumir uma posição de educadora-educanda:

“O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (apud FREIRE, 1987, p.44). Como educadora-educanda provoqueei os alunos a refletirem sobre sua própria identidade cultural ao mesmo tempo em que eu conhecia mais sobre a cidade, que não é minha terra natal. Freire (1987, p.44) conclui que assim crescemos juntos, “[...] os ‘argumentos de autoridade’ já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas”. Uma pedagogia alinhada ao espírito dos fanzines. (MEDEIROS, 2016, p.6 apud FREIRE, 1987, p.44)

Seja na abordagem educativa admirada por Medeiros ou nas conclusões de expectativas promissoras de mudança das matérias do *Sibita*, percebe-se a educação como ato de amar proposta por Paulo Freire, que busca transformar os jovens jornalistas a partir de uma prática jornalística alternativa, independente e dialógica. “Como diz o próprio Freire, a educação não transforma a realidade e sim as pessoas – e as pessoas é que transformam a realidade” (OLIVEIRA, 2020, p.131).

II. UMA ANÁLISE DO *SIBITA 0*

A capa de produtos jornalísticos impressos são o aporte físico para o primeiro contato entre o leitor e o conteúdo, atuando como uma “recepção” da mídia impressa (CUNHA, 2007, p.3), que deve capturar o público e sintetizar o produto (2007, p.4), mostrando como ele quer se apresentar. De certo modo, a capa é um espelho do conteúdo a ser veiculado em que o leitor pode ou não se reconhecer.

Na capa do *Sibita 0* (Figura 1) há um padrão que se repete em todas as edições, tornando-o identificável. O fanzine estabelece, já em sua estreia, uma identidade visual forte em uma logo e mascote que ficam praticamente imutáveis nos anos seguintes.

Figura 1: Capa do *Sibita 0*



Fonte: Arquivo Projeto Zine Experiência, 2014.

Seguindo o método de Panofsky, iremos focar na descrição e análise cultural das linguagens verbal e não verbal utilizadas na edição impressa do *Sibita 0*.

A quebra de linha do nome do fanzine acompanha as sílabas escritas em letras garrafais que ocupam a página inteira. Ao lado deste logo fica o mascote homônimo, uma ave magrelinha, como o nome da publicação sugere, de cor preta e desenhada à mão.

Ao pesquisar sobre a origem da palavra sibita descobriu-se que há uma ave chamada sibito. A estudante Yasmin Silva desenhou então um pássaro para simbolizar a publicação. Ele foi para a capa e tornou-se a marca registrada do zine. Um elemento fundamental de elo com a publicação. O Sibita, além de ser o próprio fanzine, é também um personagem que faz parte do grupo. (MEDEIROS, 2014, p. 6,7)

O mascote Sibita, que na capa do número zero parece contemplar o nome do zine, como que admirando a façanha da professora e dos estudantes, é desenhado de diferentes formas ao longo do projeto, adequando-se às especificidades de cada edição.

Figuras 2 e 3: Detalhe do mascote na capa das edições 1 e 3 do *Sibita*.



Fonte: Arquivo Projeto Zine Experiência, 2015 e 2016.

Na edição 1 de 2015 (Figura 2), o mascote faz uma piada com seu nome, Sibita, magrinha, ao dizer que “engordou quatro páginas”, igualando-se ao fanzine, nesta edição que ficou quatro páginas mais longa que a anterior. Já na edição 3 de 2016 (Figura 3), o mascote porta um arco-e-flecha e usa roupas associadas a tribos indígenas, em uma edição que homenageia “os povos originários do nosso país, os indígenas” (Sibita 3, 2016, p.3). Ao portar a arma, ferramenta de defesa e proteção, o mascote simula os “guerreiros de uma terra que

ainda não compreendeu que é na diversidade que nos contemplamos” (2016, p.3) e que são invisibilizados no jornalismo mercantil. O *Sibita 3*, na contramão, mostra-se engajado ao trazer os povos indígenas na capa e em entrevista, além de pautas socioambientais.

O fato de sibito, além de uma “pessoa muito magra”, também ser um pássaro, animal associado culturalmente com a ideia de liberdade, parece uma fortuita coincidência em consonância com o propósito de “construção de um fanzine com liberdade criativa e respeito às ideias dos participantes” (MEDEIROS, 2016, p.4). Quem é “livre como um pássaro” usufrui de total liberdade. Essa ideia é corroborada pelo editorial do *Sibita 0* (Figura 4), no qual o zine se define como um espaço para expressão infinita. Contudo, respeitando o saber fazer,

por se tratar de uma iniciativa para estudantes de jornalismo, a liberdade de criação é preservada, porém o estudante segue regras do fazer jornalístico respeitando a linha editorial e as orientações da editora, no caso a professora coordenadora (MEDEIROS, 2016, p.5).

Após Medeiros apresentar o projeto de um zine sobre a cultura regional aos alunos interessados, a linha editorial e estrutura do *Sibita* foi definida pela turma em conjunto a partir da dinâmica Árvore dos Sonhos, metodologia de criação coletiva elaborada pelo Instituto ECOAR para a Cidadania, associação civil sem fins lucrativos que atua predominantemente no campo de meio ambiente e recursos naturais, e adotada por Medeiros na coordenação do projeto.

A partir da pergunta “qual o seu sonho para uma revista sobre a cultura de Imperatriz?”, cada estudante representou seu desejo em uma palavra exposta em uma colagem. Os “sonhos” foram apresentados e afixados em uma árvore. Ao final da dinâmica, o grupo plantou sua Árvore dos Sonhos. Os conteúdos das colagens foram sistematizados agrupando os temas correlatos dando origem ao corpo principal do projeto editorial e às seções (comida, música, entrevista, dicas culturais, raça, ficção, poesia, ilustração, linguagem, movimentos jovens e sociais, jogos, lendas, cinema, história). (2016, p.5)

Com essa pergunta, começou a delinear-se a linha editorial do *Sibita*. Após dois outros encontros para concluir o projeto editorial os estudantes já estavam envolvidos e prontos para colocar a mão na massa, escolhendo os conteúdos de forma colaborativa (2016, p.6).

Além do mascote e do nome do zine, que estampam a capa (Figura 1), destaca-se também seu fundo: uma estampa floral, que pode ser analisado como uma representação gráfica do desabrochar deste projeto. Essa ideia de natureza prolífica acompanha a primeira página do *Sibita 0* (Figura 4), em que se observa uma árvore de fanzines.

A árvore é carregada de significados. Em primeiro lugar, ela dialoga com a própria Árvore dos Sonhos. Em segundo lugar, a escolha por uma árvore também pode ser interpretada como uma homenagem ao impresso. Dado que são de árvores que se faz o papel, são também de árvores que se fazem jornais, revistas e (por que não?) fanzines. Na imagem, cada galho e cada folha é uma publicação diferente, cultivando uma pluralidade de discursos.

Figura 4: *Sibita 0*, página 1.



Fonte: Arquivo Projeto Zine Experiência, 2014.

Além da árvore, que é apreendida pela visão do leitor, há outro aspecto gráfico interessante nesta página: a escolha pela fonte Courier New. Mesmo os textos tendo sido escritos no computador e posteriormente impressos e usados para fazer colagens, a fonte do corpo do texto parece imitar a de uma máquina de escrever, reforçando a sensação “analógica” e artesanal do zine, mesmo tendo uma parte feita digitalmente. O uso de, por exemplo, Times New Roman ou Arial poderia parecer anacrônico ou dissonante com maior facilidade.

A primeira página, “Pra começar” (Figura 4), funciona como editorial, seção tradicional de jornais e revistas que é de caráter opinativo e apresenta um posicionamento do produto jornalístico. O editorial do *Sibita 0* apresenta e justifica o projeto, explicando que “ele foi nascendo da vontade de falar do que se passa por aqui”. Logo aí pode-se inferir qual será uma das principais características que guiam as escolhas de pauta do *Sibita*.

Nelson Traquina categoriza os critérios de noticiabilidade, que “são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável” (2005, p.63). É então a avaliação de determinada história de acordo com seus valores-notícia que caracteriza algo como pauta jornalística. No caso do *Sibita*, o valor-notícia mais privilegiado é o de proximidade, tanto geográfica quanto cultural (p. 80). O que vira pauta no *Sibita* dificilmente viraria pauta em lugares que não Imperatriz, como em algum grande jornal de São Luís, por exemplo. O editorial explicita também a prática jornalística dos estudantes, em que “cada um pensou em uma forma de falar sobre a cidade. O resto foi muito foliar¹⁴, procurar, recortar, colar, descolar, diagramar, colar de novo, ajeitar e pensar, pensar muuuuuuito”.

O texto de “Pra começar” ainda conta com termos e expressões pouco familiares ao jornalismo. O indicativo de risadas entre parênteses (“(rsrsrs)”), a “mistureba de cultura” e a referência à Vinicius de Moraes em “que seja infinito enquanto dure” evidenciam um caráter muito pessoal e literário da escrita. Nestes trechos, os zineiros do *Sibita* vão de acordo com a refutação feita pelo jornalista Eugênio Bucci no livro *Sobre Ética e Imprensa*. Bucci vai contra a noção de que o jornalista deve ser “frio, neutro e assexuado” e que a emoção é “um fator prejudicial à correção de sua atividade” (CALDAS, 2002, p.30 *apud* BUCCI, 2000). “O bom jornalismo nada tem a ver com a indiferença, com a neutralização do sujeito”, escreve Bucci.

No *Sibita*, o sujeito dificilmente é neutralizado. A personalidade já é apresentada na página 3, onde fica o expediente ou, melhor, os “Zineiros desta edição” (Figura 5).

¹⁴ Em entrevista à autora desta monografia, Yara Medeiros esclarece que “foliar” foi um erro de digitação que passou durante a edição.

Figura 5: *Sibita 0*, página 2.



Fonte: Arquivo Projeto Zine Experiência, 2014.

Cada participante do *Sibita* teve liberdade para escrever sua minibiografia. Características mais objetivas e profissionais como “Jornalista formado”, vêm ao lado de “Fã de Los Hermanos”; ou a descrição dura é totalmente posta de lado com afirmações do tipo “Gosta de tanta coisa mais não cabem nestas linhas”, “Aquele que não sabe falar de si mesmo”, “Vive a vida ao som de Beatles” ou “De poucas palavras, prefere ilustrar”.

Nesta página de expediente, vem ainda um “Aviso aos navegantes”, presente em todas as edições do zine, que ressalta a autoria do *Sibita* pelos alunos da UFMA e desvincula o conteúdo da Universidade, afirmando que “informações expressas não representam a opinião da instituição e são de responsabilidade de seus autores”.

O *Sibita* começa a conquistar o leitor pelo estômago. O texto que abre o zine se chama “Café na rua” (Figura 6), e coloca o leitor no centro de Imperatriz, às seis da manhã, enquanto

estudantes e trabalhadores fazem o desjejum antes de começar o dia. Somos apresentados à Dona Maria, que vende os quitutes, mas a introdução é apenas um preâmbulo para o objetivo final: uma receita de bolo de leite, campeão de vendas no café da manhã imperatrizense. Grãos de café estão espalhados pela página, e a receita está dentro do espaço de uma caneca, presumivelmente cheia de um café fumegante, com vapor (e informações) subindo pela página. Ao lado, um desenho feito pela Yasmin Silva, primeira ilustradora do mascote, de um jovem sentado com as pernas para cima em um banquinho, de lápis na boca, na qual o Sibita se equilibra, sorrindo. O jovem contempla o mascote, que “nasce” do lápis, da confecção artesanal pelos estudantes. Lê-se “A passarinha da passarada, magrinha mas bem recheada: SIBITA!”

Figuras 6 e 7: Sibita 0, páginas 3 e 4.



Fonte: Arquivo Projeto Zine Experiência, 2014.

Em seguida, uma entrevista pingue-pongue com Lourival Neto, administrador do bar imperatrizense Pêxi Podi, ocupa a dupla de páginas 5 e 6 (Figura 8). O formato pergunta-e-resposta é adotado em todas as edições posteriores do *Sibita*, como que configurando uma

editoria fixa, entrevistando figuras da cena cultural de Imperatriz. Visualmente, a página brinca com o título da matéria, “Peixe de vinil”, ao colocar um esqueleto de peixe ao redor das palavras. Embaixo, garrafas de vinho ao lado de vinis e de uma vitrola caracterizam o bar que, à moda antiga, só toca discos. Há ainda um LP falso com a foto do entrevistado, personalizando-o.

Nota-se também edição após a impressão do texto: na primeira frase, uma crase parece ter sido adicionada à lápis, evidenciando o caráter artesanal do fanzine.

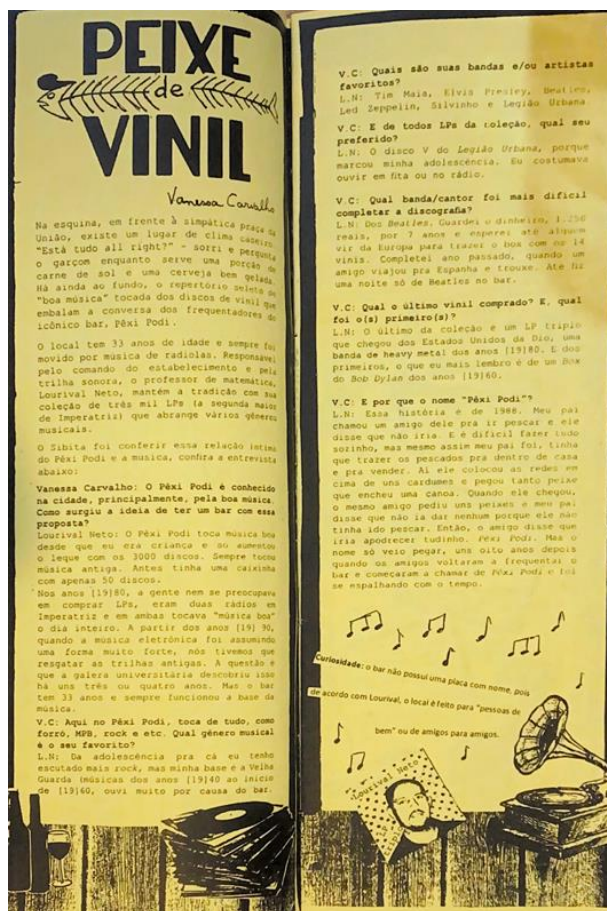
Por se tratar de um produto montado com o corte e cola, os participantes precisam ficar atentos às revisões, pois os concertos são feitos manualmente. Essa particularidade do fanzine faz com que o aluno tenha um contato palpável com a publicação e mais próximo com as consequências de disseminar erros. O esmero da edição para impresso ainda não foi superado ou igualado em meios digitais. Como as revisões são facilmente realizadas, os alunos acabam sendo menos rigorosos nos formatos digitais. Também tendem a enxergar menos os próprios deslizes. (MEDEIROS, 2016, p.11)

Tal como na matéria anterior, “Peixe de vinil” começa situando o leitor espacialmente. “Na esquina, em frente à simpática praça da União, existe um lugar de clima caseiro”, escreve a repórter/zineira Vanessa Carvalho.

“Está tudo all right?” — sorri e pergunta o garçom enquanto serve uma porção de carne de sol e uma cerveja bem gelada. Há ainda ao fundo, o repertório seletivo de “boa música” tocada nos discos de vinil que embalam a conversa dos frequentadores do icônico bar, Pêxi Podi. (CARVALHO, 2014, p.5)

A partir daí, inferimos que a jovem jornalista foi lá, sentiu a atmosfera do bar, provavelmente se sentou à mesa com o entrevistado enquanto dividiam a porção de carne de sol e a cerveja gelada. Embora seja necessário notar que o *Sibita 0* é uma publicação de 2014, ou seja, de uma época pré-pandêmica, em que entrevistas pela internet não eram tão comuns no cotidiano da profissão, o zine incentivou os jovens jornalistas a irem para a rua, lugar de formação para um jornalista. Para cobrir a cultura local, como objetiva o *Sibita*, nada melhor do que vivê-la. Essa aproximação é perceptível em outros inícios de textos da edição, como “Andando pela rua XV de novembro, durante uma manhã qualquer encontro uma feira...” (2014, p.11). Novamente, os jovens partem da experiência sem se neutralizarem.

Figura 8: *Sibita 0*, páginas 5 e 6. Aqui, ao invés do zine original digitalizado, usa-se um exemplar fotocopiado em papel sulfite amarelo, que estava com uma legibilidade melhor.



Fonte: Arquivo Projeto Zine Experiência, 2014.

As fontes privilegiadas pelo *Sibita* não são oficiais ou especialistas, mas gente da cidade. Por se tratar de uma publicação mais “fria”, passando longe do *hard news*, os textos do zine não buscam levantar dados ou prover explicações, mas contar do povo imperatrizense, já que é a partir de um povo que a cultura se manifesta. Isso é claro nas matérias “Forasteiros” (p.8) e “Skate é o amor da minha vida!” (p.12), ambas que também se configuraram como editorias fixas nas edições seguintes.

“Forasteiros” traz depoimentos de pessoas que não nasceram em Imperatriz, mas que decidiram morar lá. O título da editoria orna com a fonte escolhida, já que ambos remetem a uma ideia de Velho Oeste, de *outsider*; e a figura do galo faz com que o leitor conecte o

forasteiro à Portugal logo de cara, em uma apreensão visual imediata. Já “Skate é o amor da minha vida!” faz parte de uma seção sobre paixões pessoais¹⁵.

Figuras 8 e 9: *Sibita 0*, páginas 8 e 14.



Fonte: Arquivo Projeto Zine Experiência, 2014.

Outra seção que remete à cultura local é a “Palavreado” (Figura 10), para informar o leitor acerca de expressões imperatrizenses. Simulando um dicionário, o *Sibita 0* traz os regionalismos das letras A e B, e nas edições seguintes continua o alfabeto.

¹⁵ Skate é uma temática recorrente na editoria “É o amor da minha vida!”, evidenciando a cena forte da cidade, que inclusive é berço da medalhista olímpica da modalidade, Rayssa Leal.

Figura 10: *Sibita 0*, página 7.



Fonte: Arquivo Projeto Zine Experiência, 2014.

No miolo do fanzine, fica outra seção que se repetiria em próximas edições. O “Mapa etílico” reforça a ideia de que o jornalista típico é um boêmio (TRAVANCAS, 1993, p.88), trazendo os bares do circuito UEMA (hoje em dia UEMASUL) de Imperatriz, ou seja, da região da universidade estadual. Na pegada interativa e criativa de fanzines, o leitor tem que virar o *Sibita* de lado para ler o mapa e, caso deseje, segui-lo.

Figura 11: *Sibita 0*, página 9 e 10.



Fonte: Arquivo Projeto Zine Experiência, 2014.

Fazendo jus ao perfil de jovens jornalistas traçado pela antropóloga e jornalista Isabel Travancas, que escreve que “o bar, nas palavras de uma repórter, é a segunda instituição jornalística” (1993, p.88), os roteiros que o *Sibita* traz permitem que o leitor conheça Imperatriz pelos seus bares, a partir dos depoimentos de frequentadores. Visualmente, a página de fato traz um mapa, permitindo que o leitor se situe no espaço com facilidade e trazendo a localização.

Na dupla de páginas seguinte, há dois textos menos jornalísticos. No primeiro, “Histórias que as esquinas contam”, a autora Vanessa de Paula se indaga se os transeuntes de uma praça na rua XV de Novembro sabem que foi ali que a cidade começou.

E que nesse local era o Largo da Matriz onde ficava a Igreja Santa Teresa D’Ávila?

Será que sabem que a igreja só mudou dali em 1937, quando foi inaugurado o novo templo?

Acho que não sabem. Eu também não sabia. Minha infância foi visitar essa praça e jamais imaginaria que foi onde a cidade começou. (PAULA, 2014, p.11)

Embora o texto traga a informação de que Imperatriz surgiu na praça da Meteorologia Dr. Antônio Régis de Albuquerque, ele não responde algumas das perguntas mais frequentes

do lide jornalístico, como “quem?”, “como?” e “por que?”. O texto foca mais na ideia de que histórias da cidade são esquecidas e defende que elas devem ser lembradas, que o passado deve ser “contado, revivido e registrado”, assumindo um tom mais de manifesto do que de reportagem. A mesma praça e igreja surgem novamente duas páginas depois, no texto “Memórias”, que busca fazer esse resgate histórico ao falar de Dona Domingas, cujos pais trabalharam na construção da Igreja Santa Teresa D’Ávila, a primeira de Imperatriz. Ao dar seu depoimento, a entrevistada conta e revive, enquanto o *Sibita* registra:

Quero dizer que a rua sempre foi assim muito comprida e larga. Era a Rua Principal, chamada Rua Grande, depois Rua do Telégrafo, Rua do Fio, depois foi que veio XV de Novembro. E por um decreto municipal, a pedido dos moradores, hoje ela é Rua Frei Manoel Procópio¹⁶.

A temática de história das esquinas e das ruas surge em outras edições do *Sibita*, onde os repórteres frequentemente “são provocados a conhecer mais sobre sua própria cultura e (...) exercitam o respeito pelo passado e conhecem mais sobre fontes históricas” (MEDEIROS, 2016, p.13). Na edição 1, a zineira Lanna Luiza escreve sobre “um Maranhão inteiro de histórias surpreendentes. Conhecidas ou não, são histórias que guardam a memória de um tempo e a sabedoria de um povo”. Nesta bonita matéria chamada “Achados do bairro”, a estudante parte da existência de uma rua Glauber Rocha para entender se os moradores da cidade sabem quem é o homenageado. Com um tom leve e engraçado que recapitula um pouco da história do cineasta baiano, a matéria vai do trivial (nome da rua) a um relevante indicador de sociedade.

Finalizo com algumas perguntas. Será que temos acesso de forma democrática aos conteúdos produzidos pelos nossos intelectuais? Será que somos incentivados pela nossa mídia a gostar/apreciar o que é nosso? (LUIZA, 2015, p. 18)

Neste tom engajado característico de um jornalismo emancipatório, a matéria ainda propõe um diálogo com o leitor, estimula sua curiosidade e presta um serviço: “Ficou curioso? Pois, não se acanhe, assista aos filmes de Glauber! No YouTube podem ser encontrados alguns deles”. Seguindo uma perspectiva freiriana, é justamente a partir de diálogos, como propõe o *Sibita*, que podem acontecer transformações sociais.

¹⁶ Frei Manoel Procópio foi um sacerdote, educador e delegado de ensino que fundou a cidade de Imperatriz (Prefeitura de Imperatriz. “Frei Manoel Procópio do Coração de Maria: fundador de Imperatriz”. Disponível em: <https://imperatriz.ma.gov.br/blog/nossa-gente/frei-manoel-procopio-do-coracao-de-maria-fundador-de-imperatriz.html>. Acesso em: 3 nov. 2024.)

Já o segundo texto da dupla de páginas 11 e 12 do *Sibita 0* (Figuras 12 e 13) traz um poema em celebração da raça e da cultura negra, por Juju de Sá. A página traz um “chapéu” em que se lê “Cordel da Juju”, com algumas letras espelhadas. No expediente “Zineiros da edição”, o leitor já havia sido apresentado à artista, que “descreve o mundo com poesias”.

Figuras 12 e 13: *Sibita 0*, página 11 e 12.



Fonte: Arquivo Projeto Zine Experiência, 2014.

Em “O pexi que comi genti”, como em outras matérias do *Sibita*, o autor usa de uma liberdade para rejeitar a norma culta e escrever no “brasileiro falado” ou, melhor, no “imperatrizense falado”. Também no título percebemos o insólito, uma qualidade que permeou o jornalismo desde os primórdios (TRAQUINA, 2005, p.63), e que parece referenciar a máxima “o homem que morde o cão”. Segundo Traquina, o cão que morde o homem não é notícia, porque é o esperado. Mas, caso o homem morda o cão, aí sim temos uma notícia. O

mesmo vale neste caso: gente comendo peixe não vira notícia, mas o peixe que come gente, sim.

A matéria fisga a partir do título para contar uma lenda urbana e criar hipóteses acerca de seu surgimento. A pluralidade de fontes (uma mulher cujo primo foi mordido pelo peixe, um biólogo que fala da espécie, um pescador que conta da dificuldade de pescá-lo sozinho) garante um texto que, apesar de curto, traz um panorama.

Figura 14: *Sibita 0*, página 15.



Fonte: Arquivo Projeto Zine Experiência, 2014.

Chegando ao final do zine, o produto segue uma lógica muito utilizada por revistas de fechar com pautas leves. As últimas 3 páginas são ocupadas por uma crônica, um *quizz* e um lançamento cultural na cidade. O *quizz* reforça a natureza interativa do fanzine e estimula os leitores de procurarem pelas respostas “espalhadas” na edição, criando um jogo dentro do jogo.

Evidencia-se o caráter de almanaque do *Sibita* que, além de jogos, traz dicas de coisas para conhecer em Imperatriz e uma cobertura cultural extensa. “Os leitores recomendam para pessoas que se mudam para a cidade e pretendem conhecer as características do município. O *Sibita* já é uma referência de documentação da cultura local” (MEDEIROS, 2016, p.13).

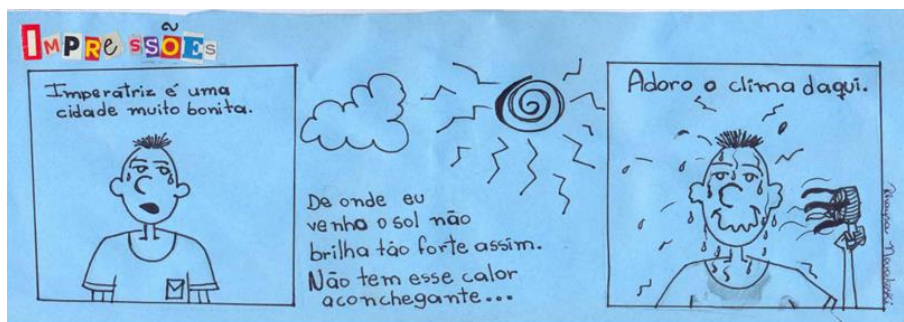
Figuras 15 e 16: última dupla de páginas do *Sibita 0*.



Fonte: Arquivo Projeto Zine Experiência, 2014.

Na quarta capa, uma charge finaliza o *Sibita* com humor. Medeiros explica que muitas das tirinhas surgiram organicamente, na ausência ou a partir da “queda” de outras matérias.

Figuras 17: quarta capa do *Sibita 0*.



Fonte: Arquivo Projeto Zine Experiência, 2014.

III. ENTREVISTA COM YARA MEDEIROS

Na terça-feira, 12 de novembro de 2024, entro em uma videochamada por Google Meets com a professora Yara. A segunda de nossa relação, em que eu espero que repliquemos, ainda que de forma breve, a ideia de educadora-educanda que tanto agrada a idealizadora do *Sibita*. Cabelos curtos, blusa preta e xale colorido, a imagem da professora universitária de Humanas. Pelo enquadramento da *webcam*, uma estante abarrotada de livros e que sempre estiveram lá; não foram curados para passar uma imagem erudita, culta, nas videochamadas que lotam nossas agendas desde 2020.

Me deparei com o *Sibita* pela primeira vez no Google Acadêmico, em um momento de desespero. Tinha acabado de jogar no lixo (figurativamente – na realidade, ainda está na nuvem, cemitério de iniciativas inacabadas) meu projeto de TCC, que escrevi nas vésperas da entrega, apenas protocolarmente. Eu, uma pessoa que sempre julguei ser *interessada* (me parecia ser mais fácil, e até mais divertido, do que ser interessante), não me vi capaz de me debruçar sobre nenhum assunto por 2 semanas, imagine um semestre. Peguei assuntos amplos que me interessavam e os joguei num funil: arte, música, literatura, jornalismo visual, comunicação alternativa e independente, cultura, contracultura. Fanzine.

Quando eu li o texto da professora Yara “Fanzine como extensão no ensino de jornalismo: o voo do *Sibita*”, encontrei tudo aquilo. Também me lembrei de cara de uma frase famosa do autor estadunidense James Baldwin que diz que o mundo está unido pelo amor e a paixão de poucas pessoas. Lendo a experiência de idealização e produção do *Sibita*, percebi que a professora era uma delas, assim como tantos outros educadores com quem tive o prazer de aprender durante minha vida. Com todas as adversidades que a Educação lida, o entusiasmo, a paixão, e a tentativa de transformar vidas pelo ensino, de fato, unem o mundo.

Munida de um mascote do *Sibita* de pelúcia e todas as edições do fanzine para fazer apontamentos durante nossa conversa, a professora conversou comigo por quase duas horas. A seguir, alguns destaques da entrevista.

L – Por que essa ideia de fazer um fanzine especificamente? Já era algo que você tinha trabalhado antes, ou já era algo que você relacionava ao jornalismo, ao ensino, ou mais especificamente ao ensino do jornalismo?

Y – Essa escolha foi afetiva. Quando eu participei do meu primeiro congresso de comunicação como estudante, me interessei por uma oficina de fanzine. Eu via essas revistinhas, sabia que elas existiam, e achava curioso, bonito, interessante. Eu fazia muita agenda quando era adolescente e, nessa época, as agendas eram feitas muito com colagem, então havia uma identificação.

Me chamava atenção saber que essas revistas eram feitas com corte-e-cola. Então, quando eu tive a oportunidade de ir nesse evento, fiz a oficina. E aí eu percebi como era fácil fazer, sabe? A vida inteira eu tinha feito só agenda, e ali eu vi que era uma oportunidade muito fácil de você conseguir disseminar ideias sobre alguma coisa sem você precisar ter um computador. Na época que eu entrei na faculdade, já tinha essa coisa do computador, mas ele ainda não era popular. Era muito caro, e você ainda não tinha o *smartphone*, então eu achei o fanzine extremamente democrático.

Sempre pensava que, se um dia eu fosse professora, fosse dar aula na Universidade... eu nunca ia esquecer da história do fanzine. Eu achava que ia ser uma coisa fácil, democrática de fazer, que não ia precisar gastar muita grana para ter um projeto criativo. Sempre gostei de criatividade, de trabalhar com ideias, e achei que o fanzine podia ser uma forma de fazer isso.

Então, quando eu comecei como professora, o primeiro projeto de extensão que eu pensei em fazer foi trabalhar um fanzine com uns alunos. Por isso que eu falo que eu acho que foi um pouco afetiva essa escolha, pela minha história com as publicações artesanais, e a *vontade* de fazer uma publicação artesanal. Acho que era uma vontade que eu tinha, eu só fazia agenda pessoal, não tinha feito nada para um público. Então acho que foi um pouco isso, querer ver acontecer um fanzine, que é um formato tão democrático.

L – Em relação aos seus alunos, você sentia essa vontade deles para um jornalismo em mídia física?

Y – Então, também tinha isso. Eu falei bastante do meu afeto, mas aqui em Imperatriz também já havia uma produção de fanzines. Tinha uma menina, a Lanna Luiza, que hoje é a minha melhor amiga aqui do Maranhão. Ela já fazia fanzine, brincava com colagem, e conhecia o pessoal de alguns coletivos. Embora eu não conhecesse muito o trabalho dela, quando apareceu a oportunidade de fazer o fanzine, eu comecei a perceber que a cena já existia.

Também era um momento que a gente não tinha muitos projetos de extensão na universidade. Acho que o *Sibita* era o único que tinha no curso. Então atraiu muitos alunos e eles gostaram,

adoraram fazer colagem, tinha um monte de gente que já fazia antes também. Era uma geração que ainda tinha um pouco de relação com o papel, gostava de estar com a mão na massa fazendo as coisas.

Eu estava até achando aqui esse caderno que eles fizeram, [mostra um caderno grande, com várias assinaturas e desenhos] acho que foi o caderno de quando a gente fez o Espaço do *Sibita*, que reunimos tudo que já tínhamos feito. A gente deixava o caderno na porta para as pessoas assinarem. Uma coisa bem escola, né?

L – Ah, eu acho isso o máximo. Tipo o que tem em lugares turísticos.

Y – Isso! O pessoal que passava, assinava. Teve gente que fez poesia... Nessa última vez que a gente fez o nosso lançamento lá na Beira Rio¹⁷, eu pedi para o pessoal continuar assinando. Tem até um rapaz que escreveu uma carta, dizendo que adorou o projeto.

L – Ele não tinha participado, esse rapaz?

Y – Não, foi na rua a exposição, num parque aqui. Aí foi gente da cidade toda. Esse rapaz, ele é artista plástico e ele gostou muito, se reconheceu...

Quando eu fui fazer o fanzine, criar o projeto, eu queria fazer uma coisa além-aula. Eu tinha acabado de chegar e estava dando bastante aula, mas estava querendo fazer uma coisa além [risos]. Aí eu pensei em algo que eu achava que tinha que ter no projeto. Por mais que eu ache que fazer fanzine seja algo extremamente libertário, que a gente tem que fazer e se expressar ali muito pessoalmente nas páginas do fanzine; eu achava também que tinha que ter um tema. Como é um trabalho de jornalismo, eu quero que tenha um pouco mais de checagem, um pouco mais de esmero e rigor. Pensando o fanzine como uma publicação independente de qualidade boa, para que os alunos também aprendam todo o processo de planejamento gráfico. Desde o planejamento, produção, até a reprodução e a divulgação.

Isso também era um anseio meu, esse processo completo que tem que entrar na cabeça do aluno. Aí eu falei do tema Cultura, porque com Cultura eles vão poder se expressar de várias formas. E a outra coisa era que na cidade não tinha nada que fosse da área de Cultura. Não tinha muito um site...

Acho que foi a primeira pessoa que teve a ideia de fazer um jornalismo cultural aqui em Imperatriz foi uma menina chamada Bruna Viveiros, uma bailarina que inclusive tem um perfil

¹⁷ Bairro de Imperatriz, MA.

dela no *Sibita*. O TCC dela foi uma ideia de um site de Cultura chamado Lamparina Cultural¹⁸. E tinha, claro, toda cidade tem, aquela coisa “da noite”, aqueles bloguinhos de fotos, da galera que está na noite; mas uma coisa de cobertura — você tinha às vezes projetos que algum artista fez, um apunhado de textos, alguns vídeos —, não tinha nada muito organizado.

Então, eu achei que Cultura ia ser um tema legal. No dia que eu fiz a oficina, essa foi a pergunta principal que eu fiz para eles para a gente montar o *Sibita*.

L – Em relação a isso da Cultura, que foi o tema que você escolheu para ser um produto mais jornalístico, como foi o processo de definir uma linha editorial para o *Sibita*?

Y – Eu resolvi definir a linha editorial a partir de um processo de consulta, trabalhando bem com elementos da educomunicação. Eu já tinha tido uma experiência com o “Vamos Cuidar do Brasil com as Escolas”, que foi um programa do primeiro governo Lula, a partir da Diretoria de Educação Ambiental, com a Raquel Tragiber, diretora do Instituto ECOAR, de São Paulo. Ela tinha essa metodologia da Oficina de Futuro. Como eu já tinha trabalhado com essa oficina para construção de projetos em vários lugares, eu adaptei a metodologia para construção de projeto editorial, porque a Oficina de Futuro não é para isso, ela foi criada para criar projetos de educação ambiental, ações mesmo, plantar mudas... Só que eu achei que as mesmas perguntas funcionariam, para a gente construir uma linha editorial em grupo. Todo mundo que faz uma publicação também tem um sonho, né? Então como a primeira pergunta da metodologia é: “Qual o seu sonho?”, eu pensei: “Qual o seu sonho para uma publicação sobre a cultura de Imperatriz?”

Essa era a primeira pergunta da oficina, que traz a construção do sonho a partir das palavras que eles colocam no quadro. No caso da Oficina de Futuro, são palavras, pedem para você escolher uma palavra; mas eu adaptei para colagem. Pedi para cada um fazer uma colagem, e não botar uma palavra, para já ir trabalhando neles essa ideia. Normalmente são filipetas em que você desenha uma folha, e aí essa folha você prega na Árvore do Sonhos. Então, eu fiz o tronco e a árvore foi nossa colagem, você deve ter visto a foto. A partir dos sonhos, dessas palavras e dessas colagens, nós construímos a linha editorial.

Eu expliquei também mais teoricamente sobre fanzine, linha editorial; falei porque fanzine era um formato mais democrático, logo a gente poderia usar uma linguagem mais solta, a gente não precisava necessariamente usar uma linguagem super jornalística... Poderíamos subverter

¹⁸ Proposta de site disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/expocom/EX52-1870-1.pdf>

alguns cânones. Brinquei com eles que tinha uma certa liberdade, e você viu aí que eles surfaram, eles foram nessa liberdade [risos].

Cada um fez a sua colagem, apareceu coisa de cinema, de culinária... Teve até uma menina, Dani, que desenhou um bebê na barriga, e ela fala que quando vê a foto desse negócio, não acredita, porque na época acho que ela já estava grávida e nem sabia. E o sonho dela foi alguma coisa assim, infantil, falar sobre vida. Ela até hoje fala desse dia, dessa construção da colagem que foi a Árvore dos Sonhos deles.

A partir da Árvore dos Sonhos, eu botei no quadro todas as coisas que eles tinham desenvolvido na colagem e aí foram aparecendo as editoriais. Nesse primeiro dia foi só isso. A gente fez o sonho, que era o objetivo. Fizemos um texto mesmo de algumas linhas, eu nem sei se ainda tenho isso, falando “nosso sonho é uma revista de Cultura e tá tá tá tá tá”. Fiz um textinho lá, a partir do que eles tinham colocado. E aí a gente marcou um outro dia para decidir as questões editoriais.

No segundo dia saiu o nome do *Sibita*. No slide que eu fiz para apresentar o que era fanzine tinha um vídeo que mostrava um zine com esse formato que adotamos, A4 dobrado na vertical, e eu acho que ele era até amarelo... Na hora que eu vi, falei “nossa, esse formato parece a lauda de TV!”. Quando o repórter normalmente vai entrevistar gente na TV, ele recebe uma pauta. E todo repórter faz isso, dobra aqui, e fica com a canetinha anotando as coisas. Repórter de TV faz muito isso. Eu lembro que a primeira vez que eu fui entrevistada para TV, tinha um cara fazendo isso e eu achei aquilo tão genial porque eu já trabalhava com gráfica, com a editora, e aí eu falei “nossa, esse formato é tão legal”. E quando eu coloquei nos slides eu achei que ia propor para eles da gente fazer assim. Porque a maioria dos fanzines não é desse formato.

Mas eu não me lembro se o nome *Sibita* veio antes ou depois dessa coisa de ser fininho. O nome eu lembro exatamente do dia, foi na oficina criativa, de *brainstorm*, tempestade de ideias. Mas eu não me recordo exatamente se foi antes ou depois que apareceu o nome que eu fiz a proposta da gente fazê-lo dobradinho no meio. A ideia do amarelo, a gente já fazia desde o cartaz de divulgação do projeto.

L – Mas convergiu, né? O nome, o formato, tudo. Eu acho muito legal que tem uma identidade visual muito marcante desde o início. As letras garrafais, a separação por sílaba, o mascote...

Y – O mascote também foi orgânico. Não foi uma coisa que a gente pensou, não foi numa oficina criativa, a gente não pensou “vamos criar um passarinho”. As meninas desenharam e a gente falou “Ai meu Deus, é o Sibita!”. Teve uma identificação. O grupo era muito amoroso, era uma geração do encontro presencial, que adorava estar nas oficinas. Hoje é um pouco mais difícil de juntar grupos assim, já não é tão fácil de fazer esse trabalho.

L – Eu percebi isso lendo. Óbvio que era um tempo pré-pandemia, em que as entrevistas online não eram norma como são hoje em dia, mas você percebe lendo que o pessoal foi lá. Esse jornalismo da rua, que é um espaço formativo para o estudante, para o jornalista. Várias matérias começavam situando a pessoa espacialmente. Dava para perceber isso, ter essa sensação.

Y – É porque a gente queria que fosse uma viagem por Imperatriz. Sempre foi uma ideia meio de almanaque, não sei se você teve essa percepção também. Um estilo de almanaque: tem jogo, tem quadrinho... até teve uma vez que teve um evento aqui na antiga UEMA, hoje é UEMA Sul, e quando eles [da UEMA] viram o *Sibita*, eles queriam reproduzir para colocar na pasta porque não tinha nada turístico sobre a cidade. E aí eu pensei, nossa, as pessoas estão realmente se identificando com o *Sibita*.

Eu acho que muita gente não lê, muita gente acha lindo, dá aquela olhada, mas eu não percebo tanto a pessoa que leu profundamente, só naquela época do início que eu sentia isso. Mas as pessoas se encantam muito com formato, com o jeito, elas acham incrível a forma, elas querem para elas. Esse amor tátil é muito interessante.

L – Sobre essa recepção, sempre foi algo positivo?

Y – Agora que eu comecei a fazer reuniões de lançamentos fora da Universidade, às vezes aparece um professor ou outro e fala que usa, conhece o método dos fanzines. A gente teve uma exposição que foi aqui no calçadão, que até a gente vai fazer de novo agora no Dia da Consciência Negra, e aí uma professora falou que seus alunos ficaram encantados porque, no dia que teve uma visita técnica na UFMA, os alunos viram a gente montando o *Sibitão*, que é um suplemento cultural que tem uma colagem grandona do Sibita. Eles chegaram lá e a gente estava lá pintando, colando... aí eu acho que não era isso que eles esperavam muito da Universidade [risos]. E aí eu mostrei o *Sibita*, e a professora falou que por conta dessa visita eles tinham feito também fanzines lá.

Sei também que no Instituto Federal tem uma ex-aluna nossa que a partir de ter conhecido o formato no *Sibita*, ela montou também um programa de fanzine no instituto. Então reverbera em muita gente. Por exemplo, você tem o trabalho da Lanna Luiza, que na época foi um que reverberou muito. Ela já trabalhava com o formato, já conhecia. E aí ela entrou de cabeça, virou a grande zineira. Você vê que as páginas dela, não sei se você chegou a reparar, mas páginas da Lanna no *Sibita* são as mais elaboradas. Ela chegava a amassar o papel, pintar, para criar uma textura.

L – Foi do texto do Glauber Rocha, certo?

Y – Sim, ela fazia o “Achados do Bairro”. Ela é fantástica, ela fez esse “Arrocha que tem brega na seresta” [mostra o fanzine]. E tem um incrível de um menino, uma história de um menino...

L – Do Pixote?

Y – É, do Pixote. Esse aí é dela com a Kelly também. Esse Pixote, ele existia, aquilo ali foi uma crônica de um menino aqui da nossa cidade que sumiu. A gente não sabe se ele está vivo... e a gente o encontrava direto. Aí, para não expor a criança, a gente resolveu fazer um estilo meio conto, meio crônica.

L – Eu fiquei na dúvida se tinha tido alguma entrevista...

Y – Teve, elas conversavam com ele, mas a gente não quis expor enquanto criança. Então a gente resolveu fazer algo um pouco conto, elas tinham coisas muito criativas.

E a Lanna foi uma das que o projeto mais reverberou, voltando aqui na linha de raciocínio. Ela fez o TCC dela sobre fanzine, e ela montou vários zines na cidade. Depois a prefeitura a chamou para fazer uns cursos, ela fez outros zines... Ela fez o *Educazine*, que é o zine que ela montou na escola, e a partir disso, fez também as oficinas com os professores que, por sua vez, montaram vários zines. É a coisa mais linda o trabalho dela. Fez uma caixa, tudo com colagens. A Lanna é supercuidadosa com essas coisas. Agora ela é a produtora cultural lá em São Luís, trabalha também na Justiça nos Trilhos, que é uma ONG de assessoria de comunicação. Eu posso te dizer que da galera que participou desses zines aqui, todos se encaminharam muito bem, tem gente que está fazendo doutorado fora, na Europa, tem gente que já terminou mestrado, acho que tem duas fazendo doutorado... Alguns foram parar na publicidade, teve uns que deixaram o curso de jornalismo para fazer design por causa da experiência em design editorial que fizeram no *Sibita* e adoraram muito.

Então foi uma experiência muito bacana, mas ela não acabou. Porque você tem toda essa experiência multiplataforma agora, e o zine também continua forte. Eu o levo em todas as exposições, ele não está apagado, entendeu? Eu não o deixo se apagar. Até teve uma menina que fez uma matéria sobre o zine *Sibita* e colocou que a experiência tinha sido de 2014 a 2017. Aí eu falei “não, mas a gente fez um em 2022, ele não parou” [risos], porque a gente o faz em especial ainda. Tanto que vai sair uma agora, nosso especial de 10 anos. Então a gente vê, se rememorar a vontade de fazer a gente de repente vai fazer um outro projeto.

O problema é que fazer fanzine ficou um pouco caro com o tempo. Antes ele era um formato democrático, porque era barato. Agora não é mais barato. E é muito difícil de fazer a colagem atualmente porque a gente não tem revistas. Então, hoje eu imagino que vai sair bem diferente o design gráfico em relação à essa outra época do início do zine, que embora eu ainda tenha algumas revistas que guardo para fazer as colagens nas oficinas e tudo mais, hoje a gente trabalha mais com desenho, ou com uma reprodução de um desenho de um outro lugar, que aí você pode cortar ao invés de cortar a revista.

Então é um item mais de luxo atualmente. Olha que interessante, né? Se ele era extremamente popular, agora ele está ficando meio de luxo. Mas eu acho que a gente não deve deixar de fazer porque ajuda muito no nosso aprendizado, e acho que até na ansiedade mesmo, que é um mal do nosso tempo.

L – Como é que você percebe a evolução do *Sibita*? Do número 0 até o número 7, tanto no aspecto dos zine especificamente quanto se você puder adentrar um pouco mais nesses outros campos: site, *podcast*, TV... E como que o *Sibita* passou de projeto de extensão para agora fazer parte do curso?

Y – Onde eu estou passando, eu estou fazendo projetos do *Sibita*.

Antes eu fazia como projeto de extensão. Mas assim, só como projeto de extensão, é muito cansativo. Então eu achei melhor imiscuir ele nas disciplinas. Porque ele é o único projeto mais multiplataforma do curso. E como os alunos gostam, curtem...

Inclusive o *Sibita* está até citado no projeto pedagógico do curso. Se você for lá no projeto pedagógico, tem uma parte que fala dos três projetos, o *Arrocha*, que é o jornal laboratório, o *Sibita* e a *Imprensatriz*, que a empresa júnior. Esses três são os projetos que estão citados no nosso plano pedagógico. Então, quando eu voltei do doutorado, eu decidi fazer outras plataformas.

Mas falando da evolução enquanto zine, quando eu fui embora, ele continuou, e isso eu achei uma coisa forte. Até por isso acabou entrando no plano pedagógico do curso. Antes era um projeto que eu tocava como extensão fora da sala de aula, os alunos participavam todos como voluntários. Não tinha nem bolsa, porque na época eu era Mestre, e bolsa só quem consegue é Doutor. Quando eu fui embora e a professora Jordana falou que queria ficar com o *Sibita*, era porque tinha um real sentimento entre os alunos de que ele era um produto do curso. E aí eu acho que isso ajudou muito a entrar como um projeto importante da construção do nosso plano pedagógico.

Quando eu fui embora para o doutorado, eles fizeram vários zines. Acho que são três. Acho que você vai saber mais do que eu agora.

L – Isso, o 4, o 5 e o 6.

Y – E aí, quando eu voltei, o *Sibita* já estava meio esquecido. Em 2019 eu já estava morando aqui de volta, porque eu não fiquei o tempo todo do doutorado morando em Recife, no último ano eu já estava morando aqui de volta, então eu já comecei a resgatar as coisas, a me conectar de novo com as pessoas. Já era outra geração, do *smartphone* popularizado, do Instagram bombando. Aí eu pensei que era melhor fazer um site também, começar a fazer essas matérias para internet. Nessa época o site também era algo mais importante, hoje em dia até com isso parece que as pessoas não têm muito apego, mas eu acho um repositório ainda importante que a gente não pode deixar de ter. Eu pensava que a partir do site eu poderia fazer tudo: botar os zines impressos digitalizados, poderia ser mesmo um espaço multiplataforma. Eu já imaginava assim. Conteúdo de reportagem, perfil, mais matérias de fôlego... Aí o *Sibita* já mudou um pouco de formato, ele já não é mais tão zine, já é um formato mais jornalístico mesmo.

Essa plataformização está acontecendo aos poucos. Eu gosto de fazer uma coisa de cada vez... fiz o site, aí depois o perfil, agora que o perfil começou a engrenar um pouco mais, a gente fez o *Sibitão*... Eu vou vendo aos poucos.

Meu marido dá aula de “Jornalismo impresso II”, aí eu falei para nós criarmos um suplemento, o *Sibitão*, com os alunos. Vamos aproveitar, porque também, cada hora ficar criando um novo projeto gráfico, é muita mão de obra, né? Hoje também a gente tem que pensar na marca. Comunicação hoje é muito mais a marca e sua plataformização do que propriamente você ficar fazendo só um produto ali. Então eu acho que o fanzine sempre foi um pouco isso, de aproveitar a comunicação de várias formas. Essa coisa de fazer você mesmo, imaginar coisas, fazer

projetos criativos, criar formas de divulgação diferenciados, formas editoriais diferentes... Os zineiros sempre foram muito criativos.

Eu acho que tem um espírito de sempre ficar criando um projeto. Agora, por exemplo, com essa turma de audiovisual, já falei para eles: “você vão ser os produtores do projeto, você vão sempre aparecer como os criadores da TV *Sibita*!” E aí eles vão dar as ideias do que eles querem fazer e a gente vai vai montando. O meu sonho é ter uma estrutura para que eles possam ter um trabalho mais profissional, mas ao mesmo tempo também eu penso, “para quê transformar em profissional?”, talvez seja melhor deixar um pouco o espírito zineiro. Talvez profissionalizando até a criatividade fique um pouco mais engessada.

Nossa TV vai ser toda feita com o celular. Essa turma, eles já fizeram telejornalismo I, II, telejornal... Falei “ih, agora você vão desconstruir tudo, não quero nem saber” [risos]. Quero uma TV do avesso! Eles ficam só rindo. “Agora que você já sabem as regras, você vão subverter as regras”. Nós vamos ver o que vai sair, depende muito da turma. Mas eu respeito muito o que eles costumam gostar. Tem uma galera muito criativa do vídeo atualmente, eu acho que daqui a pouco a gente vai conseguir fazer um zine bem legal de vídeo.

L – No curso de jornalismo, o “Impresso I”, o *Arrocha*, ele não está sendo impresso, né?

Y – Não, ele só foi impresso umas duas edições, na época do reconhecimento do curso. A vida toda ele foi um repositório digital. Quem fez o projeto do *Arrocha* e tocou o *Arrocha* por quarenta edições, mais ou menos, foi o meu marido. Mas ele estava meio cansado já, aí eu sugeri da gente trabalhar juntos no *Sibita*, falei para ele ficar comigo como editor, revisando os textos, porque sozinha é muito difícil. A gente prima por uma profundidade, uma checagem, sempre tem muito trabalho nesse sentido, especialmente no caso do site, que é mais aprofundado.

Mas a gente deixa os alunos livres para eles fazerem como quiserem. Eu acho que esse é o maior espírito zineiro do site, eu não ponho muito limite de tamanho, não ponho muito um formato específico... Tem aluno que faz uma reportagem de fôlego, outros já fazem uma coisa menor, o que eu acho que é o espírito do zine. Se fosse muito formatadinho, aí também já ia ser demais. Tem uma certa liberdade de produção também nesse processo aí.

L – E no “Impresso II”, é o *Sibitão*?

Y – Isso, mas o *Sibitão* a gente não está fazendo com todas as turmas, vamos fazer só uma vez por ano. Ele é anual, então a gente analisa se a turma consegue fazer, porque tem umas turmas

muito pequenininhas, que fica difícil, complicado fazer. A gente vai fazer com essa turma agora, a gente não fez com a turma do semestre passado. Só que não vai sair para o SimCom¹⁹, porque como teve greve, vai ser muito pouco tempo de produção. O *Sibitão* precisa do semestre inteiro para fazer: precisamos pautar agora e os alunos têm que entregar N2 e N3, as duas notas deles, N2 é o texto, e o N3 é a diagramação e a edição final. Então nesse semestre agora a gente vai fazer um e o tema vai ser “Memória”.

Eu até estava conversando com o Alexandre, meu marido, que você comentou comigo na outra conversa, que vocês da USP tinham um suplemento que eu achei superinteressante. É, não sei, o tema eu acho que era “Silêncio”...

L – Eu acho que talvez tenha sido o *Claro!*, que é o suplemento do *Jornal do Campus*, a gente faz uns temas um pouco diferentes. No que eu participei como editora de conteúdo, o tema foi “Erro”.

Y – Erro, isso! Com “Silêncio”, eu já pensei em um tema que eu mesma podia fazer [risos]. Mas, enfim, eu pensei que o *Sibitão* pode, inclusive, trabalhar esse tipo de tema um dia, entende? Ele é aberto nesse sentido. Aí eu achei tão legal a ideia de não fazer uma coisa tão jornalística, tipo “a memória da cidade”. Por enquanto, eles precisam, porque aqui tem muita pouca coisa documentada.

Eu ainda estou num campo que também tem isso: aqui tudo ainda é mato nesse sentido de documentação. Você mora em São Paulo, que aí tem muita biblioteca, muita coisa, muita publicação... Mas aqui em Imperatriz, essa coisa da documentação, de valorizar essa cultura, a memória, a arte, ainda é uma coisa que está em construção. Tem muita gente boa que trabalha aqui, que faz muita coisa. Você pode ver pelo site como é diversa a cultura aqui da cidade. Mas, ao mesmo tempo, essa parte de jornalismo cultural ainda é um pouco incipiente. Então, já tem uns anos que estou na batalha para que isso melhore, melhore, melhore...

Ah, e aí tem uma repercussão também, que não é só do zine, mas é do próprio jornalismo cultural. Eu acho que isso também é uma coisa que tem melhorado. A gente vai fazer um evento agora de jornalismo cultural, e eu percebo também os TCCs: já saiu uma agenda cultural, saíram agora também dois *podcasts* sobre a cultura da cidade. Eu percebo que reverbera nesse sentido, os temas que os alunos começam a trabalhar giram mais em torno da cultura. Vemos

¹⁹ O SimCom é o Simpósio de Comunicação da Região Tocantina, que em 2024 acontece nos dias 11, 12 e 13 de dezembro, na Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz.

um dos objetivos do *Sibita* acontecendo, que é essa documentação e produção sobre a cultura da região.

Para mim, o nosso objetivo maior é esse, a gente está sempre divulgando, falando sobre criatividade, sobre o desenvolvimento de formatos mais criativos. Fazer os alunos pensarem um pouco fora da caixa, porque depois que a gente vai para o mercado, a gente tem que pensar muito na caixa. Então, eu falo para eles “ó, aqui vocês podem pensar o que vocês quiserem”. Você sabe muito bem que quando a gente já está chegando no 6º, 7º semestre da faculdade, todo mundo já trabalhou, já fez um monte de coisa, já sentiu um pouco a realidade do mercado. Então, também, gosto de trabalhar com eles essa ideia de aqui ainda é uma coisa que, de repente, pode ser uma semente para as suas ideias futuras, os seus próprios projetos. E aqui é o lugar, porque depois que começa a trabalhar é mais difícil encontrar esse caminho. Encontrar tempo para esse caminho também, pelo menos no início.

L – Uma coisa que eu percebi muito foi como as pautas dialogam com o formato de fanzine. O que você acredita que essa experiência de fazer um zine, o *Sibita*, ensina aos alunos? Como que as pautas dialogam com o formato em relação ao pensamento de pautas um pouco mais alternativas, ou buscando fontes um pouco mais alternativas, comparando com essa imprensa mais hegemônica, de pautas voltadas para o consumo, que no seu texto você falou que predomina em Imperatriz?

Y – Em Imperatriz, o jornalismo cultural é mais voltado para a agenda. Tipo, “olha, vai acontecer um negócio”. Não é tanto uma conversa, uma cobertura sobre a seresta, por exemplo. É apenas quando tem um evento, aquela coisa mais pontual. Já o *Sibita*, sempre que eu trabalho com eles as pautas, falo que tem que ser uma coisa meio fora da caixa mesmo. Sempre teve essa orientação de trabalhar desse modo. De a gente fazer um pouco diferente... Embora a entrevista pingue-pongue, por exemplo, eles fazem até mais simples, parece um pouco também com um formato mais jornalístico, embora seja curtinha e tal.

Há muita discussão sobre como isso pode ser não tão convencional. E eles entraram, eles mergulharam nisso, eles entenderam isso. No início, também era uma geração que estava começando no YouTube, quando aquele YouTube era mato ainda, que tinha umas edições mais canhestras também, além de terem um pouco a cultura da época, ainda com a colagem, com a MTV... Essa geração é uma geração que viu a MTV, que também tem a coisa da colagem. Então acho que quando eles pensavam a pauta, já começavam a imaginar como eles iam fazer graficamente também.

Isso ajudava a ficar mais criativo. Porque, por exemplo, quando você pauta um mapa, então você vai ter que pensar em como você vai fazer isso visualmente, né? Cada vez que faziam o

Mapa Etílico, que eram os bares da cidade – que acho até um pouco ousado da parte deles terem pensado em fazer isso [risos]. Tanto que depois acho que, com a Jordana, virou o Mapa Sibítico – você vê como o conteúdo e a forma faziam ficar mais interessante, e o texto também mais solto. Eu acho os alunos percebiam que não ia dar certo um texto fechadão para um negócio que tem um design muito mais disruptivo, um design mais diferente, talvez até indo contra os cânones do design muitas vezes [risos]. Então isso eu acho que ajudava muito também.

L – Quem faz o texto faz a sua própria diagramação também?

Y – Cada um faz a sua diagramação. Agora, alguns que não têm muita habilidade, que estão enrolados, que terminaram o texto e aí não estão fazendo a diagramação ou não sei o quê, fazem nas oficinas, que são os dias para fazer os fechamentos.

A diagramação não é um processo fácil de fazer, eles demoram. Porque também é um processo de aprender o tanto que cabe no texto, embora eu entregue o Word já diagramadinho, com metade da folhinha A4 para já escrever certinho o tamanho, com os tamanhos das letras... São dois tipos de letras, a com serifa e sem serifa, no caso a Courier New e a Cambria, para os textos. Para que todo mundo tenha, mais ou menos, o mesmo tamanho de texto. A Cambria a gente usa quando a pessoa escreveu muito. Então, pelo menos, essa padronização o zine tinha. Só essa.

O editorial, sempre sou eu que faço, porque, como eles estão finalizando as páginas deles, eu fico organizando essa final, com os nominhos deles. É a única parte que eu faço.

Eu marcava um dia para eles entregarem a página pronta. Primeiro, eu tinha o dia de definição de pauta. Decidir quem tinha que fazer o que. E aí, no dia tal, tinha que entregar o texto. Então, eu marco a oficina criativa. Eles vão para o laboratório, aí eles entregam o texto. Eu faço a correção na hora, sento-me ao lado deles de frente ao computador de cada um e faço a edição com eles. Nessas horas costumam ter mudanças. Eu dou uma dica de como pode melhorar, de como poderia ficar mais solto. Aí, já aparece um aluno, e outro. Nessas oficinas criativas, fica todo mundo em volta, conversando, olhando a correção. Não é uma coisa só eu e o aluno. É todo mundo em volta, cortando, colando. Tem uns que ainda estão terminando de fazer a página. Tem outros que já estão com a página pronta e estão só esperando para eu olhar. É um laboratório mesmo. Uma redação. Ficava uma redação mesmo.

Hoje em dia é mais difícil. Agora eu vou conseguir, porque vai ter mais sala de aula. Eles vão ser obrigados a estar na aula. Então, acho que eu vou conseguir [risos]. Mas o problema é que, às vezes, eles fogem. Às vezes, eles não vão na aula, para poder entregar a página de casa...

L – Até em redação mesmo está um processo assíncrono também, né? Não é aquela redação quente que a gente tinha como imagem.

Y – No caso do *Sibita*, como é fanzine, acaba promovendo essa redação. Porque você precisa estar lá, ter os materiais, a cola. Aí você vai ver o do outro, vai pedir ajuda porque não sabe fazer direito... No início do fanzine, o laboratório era a vida dos alunos. Ficavam lá, com esses computadores enormes. Era todo um acesso à tecnologia, uma geração que não teve isso fácil. A gente está no interior do Maranhão, são pessoas ricas as que conseguiram comprar rápido o computador.

Então, você tem também esse processo de pertencimento dos espaços da Universidade, que era muito forte também nessa época. Os alunos vinham, ficavam até tarde no laboratório... tem foto que a gente está até 10 horas da noite no laboratório colando coisas do *Sibita*. Eles faziam decoração. Até a decoração é um pouco mais difícil de fazer hoje, eu faço algo mais pontual. Até hoje, a árvore de Natal do *Sibita* está aqui em casa, do ano passado. A gente fez uma árvore enorme. Toda com colagens do fanzine. Eu acho que vou levar ela esse ano para eles colarem. Vamos fazer o espaço do *Sibita* esse ano, de novo iremos ocupar um espaço e fazer a exposição de tudo que a gente tem, que já produzimos. Vai ser uma exposição bem grande. Estou com umas ideias até de fazer um novo formato.

Acho que a criatividade também vem um pouco disso, dessa relação de forma e conteúdo. Um dá uma ideia, outro dá outra ideia. Tinha uns que não sabiam fazer, não gostavam de colar. Aí outro já fazia a página para eles.

Tem umas coisas como isso aqui, por exemplo [mostra tirinha no *Sibita*], essas tirinhas que saiam na hora, quando não tinha nada para botar na página. “Vamos fazer uma tirinha?” “Vamos!”. Tinha esse momento bem orgânico mesmo. Aí você percebe como ficou orgânico o projeto, ele reflete bem.

Hoje em dia com os projetos atuais já é um pouquinho mais difícil, o pertencimento já não é tão forte. Eu percebo que os alunos gostam de ver o zine pronto, mas não é a mesma coisa que era antes. Tanto que, por exemplo, tem uma página aqui que a menina não conseguia fazer na sala de aula. Ela simplesmente não conseguia. Aí ela levou para casa e fez. Acho que tem muito isso também. Hoje em dia tem um pouco de dificuldade de criar com o burburinho. Pelo menos esse grupo. Não sei como vai ser agora essa próxima turma.

O site já é um pouco mais mecânico, mais dinâmico. Os alunos fazem a matéria deles, depois eu faço uma revisão, cada um recebe sua senha para entrar no domínio, coloca o texto direitinho, as legendas. A última nota é para deixar diagramadinho.

A capa do site, quem faz sou eu. Porque nunca dá tempo de trabalhar junto com eles. O que eu trabalho com eles é só a ordem. Qual matéria que vai entrar, uma depois da outra. Aí tem reunião de pautas, toda aquela coisa. Tem o dia que tem que entregar, o processo de edição dos textos, revisão dos textos, checagem dos textos. Então o site também é bem criterioso nesse sentido.

A gente trabalha como uma edição de revista mesmo. Agora a gente está até pleiteando criar mais um canal ali dentro do menu, que seria “Notícias”, para a gente começar a fazer algumas notícias também, para ter um espaço para a gente colocar algumas coisas mais atuais e linkar as nossas outras plataformas. Não para ficar mudando a capa. Isso aí a gente vai estudar como a gente pode fazer melhor. Eu gosto de ter a edição. Sou um pouco apegada nisso. Eu gosto de mostrar a história de um projeto. Eu sei que na internet isso não é muito comum. Mas a gente tem Instagram também para ficar fazendo isso. E tantas outras plataformas. O site hoje em dia é quase um repositório. Os meus alunos quase não entram em sites. Não sei como está aí com seus colegas em São Paulo.

L – Tipo, entrar em sites em geral?

Y – É. Você pergunta quais sites eles acessam e eles falam o que é YouTube, Instagram...

L – Ah, eu acho que os alunos do jornalismo entram ainda, sabe?

Y – Os nossos aqui demoram. Tem que passar por um tempão no curso para eles comecem a trabalhar mais essa coisa do site. É a pátria do textinho.

L – É complicado lutar contra os poucos caracteres.

Y – É complicado [risos]. Mas a gente luta!

L – Pensando assim, eu acho que para o texto impresso e para o texto que não é de rede social, em geral, tem um espaço mais interpretativo que é muito bom para aprender.

Y – Sim. Até porque ele diminui muito também no mercado, não é? Então a gente precisa ter esse espaço.

L – E em relação à prática de diagramação e de colagem. Como que foram dadas as orientações?

Y – Tem uma orientação técnica que eu faço também. Nas oficinas, quando a gente começou a fazer o projeto, teve a Árvore dos Sonhos, teve a reunião de pauta, e também teve um dia que foi só a parte técnica para aprender como fazer a colagem. Tem algumas coisas gerais que eu falo sobre o formato, explicando o tipo, o casamento das páginas, como que tem que ser a montagem final. Faço uma aula sobre como monta um fanzine, como é o final. Normalmente eu monto na hora para eles verem como é que é. Eu pego uma folha de A4 mesmo e normalmente faço um mini fanzine.

Eu pego uma folha e dobro, dobro, dobro, corto em cima e mostro que virou um livrinho, e ponho um número em cada uma das páginas. Eu ponho um número em cada uma delas e depois eu mostro como é que foi o casamento das páginas. É facinho de aprender. Até criança aprende [risos]. Aí eu faço, explico como é esse casamento e passo para as técnicas de colagem. Primeiro, precisa tomar cuidado na hora de fazer a escolha das imagens. Falo sobre contraste, textura, mostro vários exemplos de páginas e o resultado delas depois na Xerox. Nunca pode pensar nas páginas sem pensar na Xerox. Explico a coisa dos templates, os tamanhos dos textos para eles escreverem no Word, deixar arrumadinho para depois a gente só imprimir para poder cortar e colar. Alguns preferem fazer o design gráfico no computador. Eles imprimem e a gente cola na matriz, mas não fica tão bonito, né? [risos]

Acontece isso, às vezes, eles quererem fazer no computador. Eu não gosto tanto, eu prefiro que façam tudo na colagem. Com o texto justificado, por exemplo, eu já não gosto. Eu acho que não funciona bem com o estilo. É bem diferente. Mas eu dou essa liberdade. Também não vou ficar em cima, se já fez e está pronto. Também não vou ficar “ah, mas é fanzine”... [risos] Se está legal e está bonito, tudo bem.

Eu mostro como é que faz a capa, explico que, no meio do fanzine, pode fazer o que quiser, explico essa questão também de tomar cuidado com as imagens para não cortar uma coisa importante, para não comer. Explico como é que vai ser a finalização. Depois disso, marco o dia de entregar o texto. Normalmente eles não entregavam no dia. Aí eu falava, lançamento é dia tal, então se não entregar até o dia tal, está fora do zine [risos].

Você pode ver que as edições são espaçadas entre uma e outra. Os alunos se justificavam falando de outras disciplinas, de extensão, a aí eles não entregavam. Agora eu consigo ter uma regularidade maior porque é atrelado às disciplinas. Mas antes, quando era extensão, era muito mais difícil.

Eles sabiam que no final do semestre a gente tinha que fazer, mas eles só iam entregando no final. Aí eu ia marcando as oficinas criativas e o que ia fechando, ia fechando. Normalmente eu dava uma, duas semanas antes do fechamento para eu fazer a revisão do texto. Eles entregam tudo, daí eu xeroco, leio tudo xerocado e vejo se tem mais correção para fazer. Aí que eu vou atrás de organizar para fazer as últimas correções. Ainda tem uma correção depois que eles entregam tudo, eu imprimo, eu faço até para ver se tem contraste, alguma coisa. Teve uns que deram errado, por exemplo, em questão de contraste. Aí a gente teve que resolver, por exemplo, com uma caneta prateada. Coisas de fanzine.

L – Eu já percebi, na primeira edição tem um acento, uma crase, que foi colocada no posterior. À caneta.

Y – A gente achava divertido fazer isso também. O importante é acertar! A gente faz ainda. Teve umas páginas de outras edições em que comeu um pouco a letra e a gente teve que arrumar. Sempre tem uma coisinha assim, mas isso tudo é aprendido. Eu falo para eles que no computador é a mesma coisa.

L – Por que a edição do *Sibita* do Salimp foi de distribuição gratuita, em oposição às outras, que tinham um custo para cobrir a reprodução?

Y – Foi porque me pagaram para fazer a oficina. Em vez dos recursos do Salimp virem para mim, eu usei para reproduzir o zine, para comprar os materiais. Eu não peguei o dinheiro para mim. Ficou tipo um caixa do projeto. A gente organizou o espaço e tudo. No dia, a gente fez a reprodução dele. Por isso que foi gratuito.

Agora, a gente faz o brechó do *Sibita*, que é para angariar os fundos para poder fazer as reproduções, tanto do *Sibitão* quanto do *Sibita*. O *Sibitão* só conseguiu fazer 20 exemplares. É bem caro, R\$35 cada um. Foi uma fortuna. Mas o brechó pagou. Quero conseguir recursos com o projeto. Tem que ter uma boa instituição para buscar. Agora que o *Sibita* está bem consolidado, acho que vou conseguir. Tivemos agora o primeiro bolsista, que vai ser nosso bolsista de extensão. É o Sebastião, que vai trabalhar nesse projeto de extensão das oficinas e da produção do material didático, que provavelmente vai ser um jogo do *Sibita*.

Cada hora a gente inventa um negócio novo. É a ideia do “Faça Você Mesmo”, entendeu? De criar projetos, fazer coisas. A partir desse projeto, eu quero que eles tenham ideia para outros projetos, outros temas. A ideia é essa, estimular. Estimular essa produção criativa. Eu acho que é o jeito, porque o jornalismo está muito embaixo. Eu acho que a gente tem que começar a desenvolver mais a criatividade, porque a gente perdeu o bonde. E a gente precisa pegar o trem-bala agora [risos].

L – Dar uma reerguida, uma reinvenção, né? E propor esse diálogo mesmo. Inclusive, no seu texto sobre o *Sibita*, você mencionou a ideia do Paulo Freire de educador-educando. E que é uma ideia muito alinhada ao espírito dos fanzines... o *Sibita* é isso, um compromisso que se tem com a agenda cultural da cidade e com coisas que não estão sendo noticiadas, que também é tudo muito interligado com o fanzine...

Y – Na perspectiva Paulo-freiriana, o que eu percebo, por exemplo, é que para mim, como professora de jornalismo cultural, é muito importante abrir o olhar deles em relação à valorização da cultura local. Porque a gente sabe que cidades como essa, que são cidades que você tem uma migração muito grande — Imperatriz é uma cidade feita por pessoas de fora, e agora que têm surgido os imperatrizenses raiz, nascidos e criados em Imperatriz. Eles são jovens, muito jovens. Tinha uma aluna que queria fazer um livro-reportagem sobre idosos. Eu

falei, “ah, vê se você consegue achar idosos nascidos em Imperatriz”. E raramente a pessoa nasceu aqui. Ela veio do Ceará, ela veio de não sei que outro lugar, e aí foi formando família. Então, eu acho que essa valorização da cultura local, das coisas que tem aqui, principalmente da cultura popular, da valorização ambiental, da valorização do meio ambiente para a construção da cultura, eu acho que tudo isso são coisas que eu posso abrir o olhar como educadora, para eles saberem que isso é importante, porque isso nem sempre é falado, isso nem sempre é discutido. Ao mesmo tempo, dentro dessa perspectiva, eles me trazem coisas da cultura que eu não conheço, porque eu não sou daqui, também sou de fora de Imperatriz. Então, para mim, eles que vão me dizer o que é importante.

Por isso, esse trabalho de oficina criativa, e não um trabalho de “ah, vamos fazer assim, vai ser a página tal isso, a página tal aquilo”. Eu tive muito essa coisa com eles, na construção desse fanzine. Você pode perceber até pelo site o tanto de conteúdos diversificados. A gente tem desde o aluno que gosta do gospel, que tem a religiosidade como algo superforte, que vai lá fazer entrevista com o cantor gospel, como a gente tem o que vai fazer a entrevista com a *drag queen*.

Nessa perspectiva do educador-educando, eu acho que o fanzine é sempre uma grande troca. E a gente precisa deixar o espaço, o olhar, o ouvir, a sua escuta — eu acho que a palavra melhor é escuta — muito aguçada nesses processos em que você está trabalhando com o aluno para terminar o produto, porque todo mundo tem que entender a sua responsabilidade com aquelas páginas.

É um processo que se retroalimenta o tempo todo, um processo colaborativo. Além de todo o processo de construção de um formato, de fazer o projeto, a gente também aprende a trabalhar em equipe, a estar junto colaborando. E o professor tem que ser muito aberto nesse sentido para o aluno poder contar coisas, contar que está tendo alguma dificuldade. Você também não pode ficar muito fechado no prazo e tudo mais. Você tem que ter também um ambiente afetivo. Eu acho que o Paulo Freire contempla bem o afetivo no sentido da escuta, de você saber escutar, prestar muita atenção para você poder construir esse diálogo e entender como que a educação vai ser mais eficaz, para você otimizar o seu conhecimento dentro daquele grupo. Eu trabalho muito com isso, e na sala de aula também estou sempre atendendo o grupo, às vezes vou mudando um pouco as estratégias dependendo do grupo. A gente precisa ter sempre esse olhar e essa escuta. Para quem está trabalhando ali, eu acho que essa perspectiva do Paulo Freire é muito forte. E aí é desse jeito que a gente vai conseguir fazer a nossa teoria virar prática, que ele também fala muito isso e ficou muito na minha cabeça. Porque não adianta nada a gente

querer seguir o Paulo Freire e chegar com uma metodologia toda já pronta, um material de cima, né? Então tem essa coisa de ser orgânico, de a gente conseguir discutir juntos.

L – Você comentou que vocês estão fazendo uma edição comemorativa dos 10 anos do Sibita. Você pode dar uns spoilers aqui como está sendo essa produção?

Y – Menina, não, estou te contando em primeira mão [risos]. A primeira aula foi semana passada, porque o semestre só começou semana passada por conta da greve. E aí falei para os alunos a ideia de fazer uma edição dos 10 anos. Não sei ainda nem como vai ser a pauta. Eles já perguntaram se era tema livre. Eu falei que era edição comemorativa, vai ter que ter alguma coisa mais sobre o *Sibita* também. Aí o que vai ser? Vai ser igual te falei agora. Oficina criativa. Eu dei de presente algumas edições. Já comecei a fazer o processo afetivo, né? Já dei de presente para cada aluno um *Sibita*, para eles levarem para casa, lerem, entenderem o estilo, de como fazer...

Como é dentro da disciplina, vai ter primeiro uma parte teórica, sobre textura, vou começar com o formato. Porque daí eu já trabalho o formato do *Sibita* e explico todas as coisas de tamanho de papel e a racionalização do espaço dentro da diagramação.

Depois, vou começar a trabalhar a divisão das pautas na próxima aula. E aí vamos ver o que eles vão sugerir. Eu sempre faço uma série de sugestões, porque se não render, eu vou colocando uns *drops* no meio da conversa para eles irem pensando. E aí a gente vai ao longo das próximas aulas pautar e eles vão fazer o texto, que não é comum. Nessa disciplina normalmente eu trabalho com textos aleatórios, ou o que eles fizeram em outras disciplinas, ou da internet, colocando crédito... Porque o objetivo da disciplina é que eles diagramem. Eu não costumo produzir conteúdo com eles. Então é a primeira vez que a gente vai produzir. Só que eles ficaram tranquilos quando eles viram o tamanho.

L – Qual é essa disciplina?

Y – É “Planejamento Gráfico Editorial”. O que eu vou passar para eles é o “Planejamento Gráfico Editorial I”. Então eu vou trabalhar no zine, todas as coisas de formato, porque daí eu dou fundamentos da linguagem, construção do planejamento gráfico, formato, cor, textura, essas coisas de diagramação. Então eu vou, a partir do *Sibita*, dar as teorias, na primeira parte do curso. Eles vão ter que aplicar os fundamentos da linguagem no zine.

E aí, é perfeito, né? Porque contraste, legibilidade, dá para a gente trabalhar uma série de coisas com eles no fanzine. E a outra coisa, que é o conteúdo desse primeiro módulo, é forma e conteúdo: tem uma parte toda do discurso visual, associada à forma, a parte de anunciação, modos de dizer, o uso de recursos gráficos para você enfatizar, a retórica visual. Eu dou um pouco disso nesse primeiro módulo. E aí a gente vai desenvolver isso nas páginas.

L - Eles vão ter que escrever também?

Y - Vão, mas como é um texto pequenininho, eles estão acostumados. Eles não ficaram assim, ah, estressados, na hora que eu falei. Ficaram tranquilos. Até porque pode ser até um desenho, qualquer coisa assim se eles quiserem. Eu não vou cobrar tanto conteúdo de texto. Mas muitos adoram escrever, então eles vão querer. Eles querem ter um *Sibita* para chamar de deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa contemporaneidade em que predomina o jornalismo digital, produções impressas por si só são uma forma de resistência – resistência aos poucos caracteres, à informação rápida e não absorvida, à desumanização do jornalismo. O *Sibita* é uma prática do prazer da confecção artesanal e da leitura, da pesquisa aprofundada sobre a cidade em que se vive, do focar em apenas uma coisa quando, na internet, tudo compete pela atenção do usuário. É reservar o tempo aos afetos e se humanizar, como falou o professor Antonio Candido. É tomar o tempo que se tem que tomar para produzir jornalismo de qualidade e para lê-lo.

Então, brotou o *Sibita*. Da falta. Falta de mídias impressas no curso de Jornalismo da UFMA, falta de veículos que cobrem a cultura de Imperatriz para além da agenda. Mas, muito além do paliativo ou do tapa-buraco, o projeto excede capacidades e expectativas, configurando, mais do que uma experiência, um espírito. Magrelo como só ele, o *Sibita* manifesta sua fome.

No tocante da instrumentalização do fanzine para o ensino do jornalismo, percebemos que, a partir do *Sibita*, os estudantes têm um contato com o produto jornalístico global, desde a idealização editorial até a distribuição para a comunidade. Por se tratar de um veículo físico que requer maior tempo de produção, o *Sibita* agrega no ensino de uma redação jornalística mais interpretativa e literária, a partir da

diversidade de gêneros jornalísticos exercitados tais como a charge, entrevista, opinião, reportagem, perfil e também de gêneros literários – conto, poesia e crônica e até jogos. Nesse ponto, observa-se que o resultado final do conteúdo aproxima-se da revista tradicional, mas difere por dar mais liberdade de criação. Mesmo usando a técnica de fanzine com texto informal e licenças para ousadias gráficas e estilísticas próprias da cultura zineira, a orientação geral é escrever para uma revista sobre a cidade com padrão gráfico aceitável e a diversidade do formato revista (MEDEIROS, 2016, p.12)

Um dos maiores objetivos do projeto é a prática do design editorial a partir do método artesanal de corte-e-cola, subvertendo padrões mais “duros” da diagramação voltada para o jornalismo. Porém, em uma era na qual o resgate do jornalismo se faz tão necessário, a reinvenção é uma iniciativa imprescindível que se estende também às pautas. Sob a perspectiva de um jornalismo emancipatório como proposta pelo professor Dennis de Oliveira, os estudantes cobrem o que é invisibilizado pela mídia hegemônica, especialmente levando em consideração o mutismo cultural da região Nordeste na imprensa, que se concentra no eixo

Rio-São Paulo. De forma engajada, os zineiros tomam como fontes e personagens os habitantes de Imperatriz, e a partir daí constroem um olhar crítico sobre a cultura e a cidade.

Na análise do *Sibita 0* a partir do método Panofsky, em que descrevemos e fizemos a análise cultural das linguagens verbal e não verbal, foi perceptível o diálogo entre esses dois tipos de linguagem, que se retroalimentam. A partir do desenvolvimento espacial das colagens, o texto torna-se mais solto. Por ser mais solto, o texto possibilita maior ousadia gráfica e inovação. Uma “subversão de cânones” que segue a proposta de liberdade do *Sibita*.

A característica multiplataforma desenvolvida pelo *Sibita* abarca diversas frentes que possibilitam um aprendizado extenso por parte do jovem jornalista. Começando pelo fanzine, que foca no exercício textual e na diagramação, até o *podcast Canto do Sibita* e a *TV Sibita*, que estimulam locução e pensamento audiovisual. Porém, o maior diferencial que o projeto traz aos alunos é o pensar no Jornalismo. Em todos os seus campos de atuação, o *Sibita* é aberto a mudanças e inovações, tendo ele próprio sido fruto de uma. Os estudantes participam diretamente da idealização de cada nova vertente, propiciando um senso de pertencimento e uma chance de exercitar o ofício sem receber intransigentes ordens de cima, fazendo um jornalismo às avessas, em um momento privilegiado para virar algumas coisas de cabeça para baixo.

A ideia de pegar um projeto e se responsabilizar por ele, sem uma figura de autoridade rígida (que poderia ser um professor sem apreço pelo ensino freiriano, por exemplo), é pedagógica e segue a perspectiva de educador-educando. Torna-se também o ensino e o veículo de imprensa mais democrático: a gestão conjunta entre alunos e professora que observamos no *Sibita* parece perfeitamente horizontal. Não há uma designação de cargos para mimicar um veículo tradicional, porque não se trata de um veículo tradicional. Nesse sentido, difere do observado aqui na Universidade de São Paulo. Os jornais laboratórios pelos quais os alunos de jornalismo da ECA-USP passam educam e preparam os estudantes para o mercado de trabalho, designando funções específicas para cada um (editores, repórteres de editorias, diagramadores, fotógrafos etc.) e possibilitam a efetivação de conhecimentos adquiridos teoricamente ao longo do curso. A multiplicidade de veículos também permite o estudante de conhecer diferentes frentes de atuação jornalística. Porém, a ausência de unidade entre os laboratórios, o relativo pouco tempo em que cada turma passa em cada veículo, e a divisão mais explícita do trabalho demonstram como a organização difere da proposta pelo *Sibita*.

Os alunos de jornalismo da ECA-USP têm uma possibilidade maior de reinventar formatos ao participarem da empresa júnior (EJ) do curso, a *Jornalismo Júnior*, chamada

carinhosamente de *Jota*. Apesar de haver uma divisão clara de funções, alguns dos pilares da EJ são a horizontalidade e o consenso, sempre buscado. Em reuniões, os membros fazem constantes avaliações de o que vale a pena para o projeto, pensam novos formatos, e os anos passados lá configuram-se como uma das experiências mais formativas do curso. Observa-se, à semelhança do *Sibita*, um orgulho por parte dos membros, que se sentem realmente “donos” do veículo (além de prestar serviços a clientes externos, como de praxe para uma empresa júnior, a *Jota* também conta com um portal digital em que seus membros publicam textos e outras produções jornalísticas). Há até um mascote de pelúcia, o Ziggy, que poderia ser companheiro do *Sibita*.

Concluimos que a experiência do *Sibita*, para além de formar jovens jornalistas a partir da prática de competências da profissão, também, de certo modo, os estimula a refletir sobre o ofício e pensar modos de fazer um jornalismo “fora da caixa”.

Esse pensamento disruptivo é justamente o maior legado do magrelinho *Sibita*: a fome de criatividade. Como a professora Yara conta em entrevista, o espírito zineiro é sempre estar criando coisas novas. Na onda do “Faça Você Mesmo”, o *Sibita* estimula estudantes de jornalismo a encabeçarem novos projetos, formatos e temas, formando uma geração de profissionais que terão um olhar crítico sobre o jornalismo mercadológico e poderão propor formas de comunicação mais independentes e alternativas, possibilitando cada vez mais um resgate do jornalismo voltado para o público e com compromisso social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE JORNALISMO. Enejor reforça importância do diploma no combate à desinformação. Disponível em: <http://abejor.org.br/enejor-reforca-importancia-do-diploma-no-combate-a-desinformacao/>. Acesso em: 20 out. 2024.

AVANCINI, Atílio. A imagem fotográfica do cotidiano: significado e informação no jornalismo. *Brazilian Journalism Research*, v.7, 2011, p. 50-68.

BRASIL LATINO – USP. Brasil Latino: Revista Babel traz olhar decolonial da notícia. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5X9J6m2Szwz457zjttnvG5?si=mxvVPJ8jTDSFYXrgZj4lA>. Acesso em: 20 out. 2024.

CALLADO, Ana Arruda. O texto em veículos impressos. In: Caldas, Álvaro (Org). **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2002, p. 17-40.

CALDAS, Álvaro. O desafio do velho jornal é preservar seus valores. In: Caldas, Álvaro (Org). **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2002, p. 17-40.

CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da. Capas na mídia impressa: a primeira impressão é a que fica. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, SP, 2007.

FERREIRA, Giovandro Marcus. As origens recentes: os meios de comunicação pelo viés do paradigma da sociedade de massa. In: Hohlfeldt, Antonio; Martino, Luiz C.; França, Vera Veiga. (Org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 99-116.

G1. Maranhão tinha o 2º menor percentual de domicílios com internet do país em 2019, diz IBGE. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2021/04/14/maranhao-tinha-o-2o-menor-percentual-de-domicilios-com-internet-do-pais-em-2019-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 26 out. 2024.

G1. USP é eleita a melhor universidade da América Latina pelo segundo ano consecutivo; top 10 tem 4 brasileiras. 2024. Disponível em:

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/10/03/usp-e-eleita-a-melhor-universidade-da-america-latina-pelo-segundo-ano-consecutivo-top-10-tem-4-brasileiras.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Panorama do município de Imperatriz - MA. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/panorama>. Acesso em: 20 out. 2024.

MAGALHÃES, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines**. Paraíba: Marca de Fantasia, 2020. 5ª edição.

MEDEIROS, Yara. Fanzine como extensão no ensino de jornalismo: o voo do Sibita. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Trabalho Completo. Caruaru, PE, 2016.

OLIVEIRA, Dennis. Dilemas do jornalismo na sociedade capitalista”, “Jornalismo como ação cultural pela emancipação. In: Oliveira, Dennis. **Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire**. Curitiba: Appris, 2017.

OLIVEIRA, Dennis. Paulo Freire e uma prática jornalística emancipatória-decolonial. **Revista Olhares**, v. 08, n. 02, 2020, p. 122-132.

Prefeitura de Imperatriz. Frei Manoel Procópio do Coração de Maria: fundador de Imperatriz. Prefeitura Municipal de Imperatriz. 2018. Disponível em: <https://imperatriz.ma.gov.br/blog/nossa-gente/frei-manoel-procopio-do-coracao-de-maria-fundador-de-imperatriz.html>. Acesso em: 3 nov. 2024.

Sibita 0. Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, 2014.

Sibita 1. Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, 2015.

Sibita 2. Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, 2015.

Sibita 3. Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, 2016.

TRAQUINA, Nelson. Ser ou não ser notícia?. In: Traquina, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística — uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005, p. 61-102.

TRAVANCAS, I. S. Os jovens jornalistas. In: Travancas, I. S. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993, p. 81-100.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Grade curricular do curso de Bacharelado em Jornalismo. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=27&codcur=27120&codhab=4&tipo=N>. Acesso em: 20 out. 2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Revista Babel impressa renasce 17 anos depois. Disponível em: <https://www.usp.br/cje/?p=5852>. Acesso em: 20 out. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO — Campus Imperatriz. Grade curricular do curso de Bacharelado em Jornalismo. Disponível em: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/curso/curriculo_curso.jsf?lc=pt_BR&id=85804. Acesso em: 20 out. 2024